



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST / MCTIC

**Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia –
PPACT**

DISSERTAÇÃO

A atividade docente da matemática Estela Kaufman retratada em seu arquivo pessoal: um estudo de tipologia documental

Dayane Ponciano de Lima
Matrícula: 2018/30

Março de 2020 – Rio de Janeiro/Brasil



A atividade docente da matemática Estela Kaufman retratada em seu arquivo pessoal: um estudo de tipologia documental

por

Dayane Ponciano de Lima,

Aluna do Mestrado Profissional em Preservação de
Acervos de Ciência e Tecnologia

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em
Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC.

Área de concentração: Acervos de Ciência e
Tecnologia

Linha de Pesquisa 2: Acervos, Conservação e
Processamento

Orientador: Prof^a. Dr^a Maria Celina Soares de Mello e Silva

MAST/MCTIC - RJ
Março de 2020

Ficha elaborada pela Biblioteca do MAST
Bibliotecária Reg. CRB7-4466

- L732 Lima, Dayane Ponciano de
A atividade docente da matemática Estela Kaufman retratada em seu arquivo pessoal: um estudo da tipologia documental / Dayane Ponciano de Lima. — Rio de Janeiro, 2020.
100f. ; 30cm.
Orientador : Maria Celina Soares de Mello e Silva.
Referências : f.90-96.
Dissertação (Mestrado) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós- graduação em Preservação de Acervos em Ciência e Tecnologia, 2020.
1. Arquivo Estela Kaufman. I. Silva, Maria Celina Soares de Mello e. II. Museu de Astronomia e Ciências Afins.
- CDU: 930.253

Dayane Ponciano de Lima

A ATIVIDADE DOCENTE DA MATEMÁTICA ESTELA KAUFMAN RETRATADA EM SEU ARQUIVO PESSOAL

um estudo de tipologia documental

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientador: _____

Prof.(a) Dr.^a Maria Celina Soares de Mello e Silva
PPACT/Museu de Astronomia e Ciências Afins

Examinador Interno: _____

Prof.(a) Dr.^a Claudia Penha dos Santos
PPACT/Museu de Astronomia e Ciências Afins

Examinador Externo: _____

Prof.(a) Dr.^a Ana Célia Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFF

Suplente interno: _____

Prof.(a) Dr.^a Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro
PPACT/Museu de Astronomia e Ciências Afins

Suplente externo: _____

Prof.(a) Dr.^a Lúcia Maria Velloso de Oliveira
Programa de Pós Graduação em Memória e Acervos – PPGMA/ Fundação Casa de Rui Barbosa

Rio de Janeiro, 2020

*Às mulheres da minha vida, Débora, Clara e Eloyze.
Ao meu pai Sivaldo Ponciano (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei a jornada na pós-graduação não imaginava os caminhos que seriam percorridos até o momento da conclusão do curso. Foram muitos desafios pessoais e muitas fases de superação, especialmente neste contexto em que vivenciamos uma pandemia. Meus agradecimentos são direcionados a todos aqueles que contribuíram de alguma forma nas fases desta pesquisa.

Agradeço ao apoio da minha família e dos meus amigos pelo incentivo contínuo à minha formação acadêmica e pelo acolhimento afetuoso de sempre.

Agradeço ao meu esposo Pedro pela dedicação, compreensão e apoio emocional durante todo o período de construção deste trabalho.

Agradeço à professora Maria Celina Soares de Mello e Silva pelos ensinamentos compartilhados durante as reuniões de orientação, pela disponibilidade e afeto sempre ofertados aos seus alunos.

Agradeço às minhas colegas da turma de 2018 pelo companheirismo e aos amigos do Arquivo de História da Ciência que sempre se colocaram à disposição durante as fases da pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer à equipe de professores do PPACT que nos transmitiram tantos ensinamentos valiosos durante todo o processo de formação.

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
Prelúdio – Raul Seixas – 1974*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é mapear as atividades docentes e a produção documental da matemática Estela Kaufman Fainguelernt, cujo arquivo pessoal está sob custódia do Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins. O mapeamento foi realizado com base na metodologia de identificação tipológica e procurou identificar, nomear e definir as espécies e tipos documentais produzidos pela produtora em sua atuação docente. O trabalho discute a importância da identificação tipológica para o tratamento de arquivos pessoais e como metodologia para preservação desses conjuntos documentais. A pesquisa apresenta a biografia da produtora, trata sobre a consolidação dos grupos de pesquisa em educação matemática no Brasil e analisa as etapas que levaram à institucionalização do arquivo pessoal da matemática. Como resultados da pesquisa, apresenta quadros do mapeamento das subatividades da docência de Estela Kaufman e sua produção documental, e um glossário de espécies e tipos documentais da atividade docente e suas definições.

Palavras-Chave: Identificação tipológica; atividade docente; Estela Kaufman; arquivos pessoais;

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to map the teaching activities and documentary production of mathematics Estela Kaufman Fainguelernt, whose personal archives is in the custody of the History of Science Archive of the Museum of Astronomy and Related Sciences. The mapping was performed based on the typological identification methodology and sought to identify, name and define the species and documentary types produced by the producer in her teaching activities. The paper discusses the importance of typological identification for the treatment of personal files and as a methodology for the preservation of these documentary sets. The research presents the biography of the producer, deals with the consolidation of research groups in mathematics education in Brazil and analyzes the steps that led to the institutionalization of the personal archive of mathematics. As results of the research, it presents pictures of the mapping of the subactivities of the teaching of Estela Kaufman and its documentary production, and a glossary of documentary species and types of teaching activity and their definitions.

Key words: Typological identification; teaching activity; Estela Kaufman; personal archives;

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Trajetória docente de Estela Kaufman.....	56
QUADRO 2 – Quadro das subatividades e produção documental dos arquivos pessoais de professores da USP com correspondência no arquivo Estela Kaufman.....	59
QUADRO 3 – Mapeamento das subatividades da atividade docente de Estela Kaufman e seu correlato documental.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estela Kaufman apresentando comunicação em evento.....	45
Figura 2 – Estela Kaufman em participação de evento.....	45
Figura 3 - Código de classificação de documentos de arquivo relativos às atividades–fim das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES.....	61
Figura 4 – Plano de classificação de documentos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Atividades-Meio.....	62
Figura 5– Modelo do Plano de Classificação de Documentos de Atividades-Meio do Poder Executivo do Estado.....	63
Figura 6 – Jogo de Dominó em Plano Cartesiano.....	71
Figura 7 – Tangram Coração.....	72
Figura 8 – Tangram.....	72

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

AHC – Arquivo de História da Ciência

APERJ - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

AUSU – Associação Universitária Santa Úrsula

CESGRANRIO - Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COC - Casa de Oswaldo Cruz

CODAR – Coordenação de Documentação e Arquivo

COPAD – Comissão Permanente de Aquisição e Descarte de Acervo

ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática

FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

GEMEG - Grupo de Estudos de Matemática do Estado da Guanabara

GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática

IFES - Instituições Federais de Ensino Superior

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

LACOSMAT – Laboratório de Construção do Saber Matemático

LAPHEM – Laboratório de Pesquisa em História da Educação Matemática

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MMM – Movimento da Matemática Moderna

SAUSP - Sistema de Arquivos USP

SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática

SEEC - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Rio

UNESA – Universidade Estácio de Sá

UNESP - Universidade do Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

USS – Universidade Severino Sombra

USU – Universidade Santa Úrsula

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: A IDENTIFICAÇÃO TIPOLOGICA EM ARQUIVOS	22
1.1 Os Arquivos pessoais	28
1.2 Identificação tipológica – uma metodologia para preservação	32
CAPÍTULO 2: ESTELA KAUFMAN E SEU ARQUIVO PESSOAL	37
2.1 Biografia.....	38
2.2 Institucionalização do arquivo Estela Kaufman.....	47
CAPÍTULO 3: MAPEAMENTO DAS SUBATIVIDADES DOCENTES DE ESTELA KAUFMAN	55
3.1 Subatividades da docência e identificação de suas tipologias documentais ...	64
CAPÍTULO 4: PRODUTO TÉCNICO-CIENTÍFICO	74
4.1 Glossário de espécies e tipos documentais da atividade docente de Estela Kaufman	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
APÊNDICES	97
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM SERVIDOR DO MAST	98
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORA APOSENTADA DA UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA	100

INTRODUÇÃO

Os arquivos acumulados por professores durante sua trajetória profissional são ricos em informações sobre as diversas atividades desempenhadas na atuação docente. O trabalho do professor, desde a fase de planejamento das ações até o momento de executá-las em sala de aula, produz uma variedade de documentos que necessitam ser identificados e tipificados pela Arquivologia. O conhecimento da produção documental é importante para o tratamento e preservação dos registros produzidos pela docência, que quase sempre são acumulados junto aos arquivos pessoais dos professores.

Nosso trabalho tem como objeto de estudo o arquivo pessoal de uma professora de matemática que atuou tanto na educação básica, quanto na superior. Na execução da pesquisa tivemos como objetivo principal o mapeamento das atividades exercidas pela professora em sua trajetória docente e a produção documental oriunda dessas atividades. Durante o levantamento dos documentos utilizamos a identificação tipológica visando demonstrar a sua contribuição para a organização do arquivo no que se refere à elaboração de um quadro de classificação mais consistente e embasado.

A identificação tipológica em documentos de arquivo tem por objetivo trabalhar com o contexto de produção dos documentos como forma de compreender as competências, funções, e as atividades desempenhadas pela entidade geradora/acumuladora (BELLOTTO, 2002, p.19).

Trata-se de uma metodologia que começou a ganhar espaço na prática arquivística durante os anos 1980. Segundo Rodrigues (2011), a introdução da gestão, no campo da arquivística, abriu caminhos para renovação de metodologias de trabalho na área. Ainda segundo a autora, as experiências de trabalho vivenciadas nos arquivos de países ibero-americanos deram origem a uma nova tradição arquivística, e ao uso do termo “identificação” para identificar tipologias documentais, contextos de produção e situação material dos arquivos (RODRIGUES, 2011, p. 109-110). Essas modificações ganharam destaque principalmente por meio dos estudos elaborados pelo Grupo de Trabalho dos Arquivistas Municipais de Madri, que começou a empregar a tipologia documental ao trabalho arquivístico (BELLOTTO, 2002, p.93).

Nos últimos anos, o número de estudos sobre a adoção da metodologia de identificação no tratamento de arquivos tem crescido. No entanto, os trabalhos com identificação de espécies e tipos documentais ainda não se constituem como uma atividade regular entre os profissionais de arquivo (SILVA, 2014, p.13). Essa irregularidade é ainda mais presente quando nos referimos ao tratamento de arquivos pessoais, ou dos arquivos produzidos pela atividade científica e tecnológica, universo no qual está situada a nossa

pesquisa.

Por serem considerados recentes, os estudos sobre a identificação de tipos documentais são tradicionalmente voltados aos arquivos produzidos pela esfera institucional, no que se refere a questões administrativas e jurídicas. O que propomos discutir neste trabalho é a utilização da metodologia de identificação no tratamento de arquivos pessoais produzidos pela atividade científica. Para isso, escolhemos como objeto de pesquisa o arquivo pessoal da matemática Estela Kaufman Fainguelernt (1933-2015), que atualmente integra o acervo arquivístico do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

A escolha de um arquivo pessoal como objeto de estudo está diretamente relacionada às nossas experiências profissionais e acadêmicas no campo de pesquisa sobre esses conjuntos documentais. Compreendemos a relevância de se estudar a produção documental dos arquivos pessoais, pelos aspectos singulares presente nessa forma de acumulação. Também procuramos, por meio da nossa pesquisa, dar ênfase à produção documental de uma professora, uma vez que os arquivos provenientes da atividade docente têm recebido pouca atenção das instituições de ensino brasileiras, quanto a sua preservação.

De um modo geral, a documentação produzida pelas atividades de ensino e pesquisa dificilmente é recolhida pelas instituições nas quais os pesquisadores atuaram durante suas trajetórias profissionais. A incerteza do recolhimento acaba por conferir ao cientista o poder de decisão sobre o destino desses documentos. Podem descartá-los, deixá-los em um canto qualquer, ou integrá-los aos seus arquivos pessoais (SILVA, 2007, p. 57).

A motivação para trabalhar esse tema surgiu da experiência profissional vivenciada no Arquivo de História da Ciência – AHC/MAST, quando atuei no projeto de organização do arquivo pessoal de Estela Kaufman. O AHC possui mais de 30 anos de tradição no trabalho com arquivos pessoais e institucionais voltados para o estudo da história da ciência. Nos últimos anos, tem recolhido diversos arquivos pessoais de cientistas que atuaram no campo das ciências exatas e da terra e engenharias, conforme previsto na *Política de Aquisição e Descarte de Acervo*¹ do MAST.

Trabalhei no AHC entre 2017-2019 e tive contato com a documentação do arquivo pessoal de Estela Kaufman desde as etapas iniciais do processamento técnico. O arquivo da cientista em questão possui um número relevante de documentos produzidos pela atividade de docência e pesquisa nas várias instituições de ensino em que esteve vinculada. O AHC recebe arquivos pessoais de cientistas que, além de pesquisadores, com atividades

¹ MAST, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://portal.mast.br/pt-br/documentacao-e-arquivo-2.html>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

em laboratórios ou de campo, também atuaram como professores em instituições de ensino. O arquivo de Estela Kaufman está distribuído em 123 caixas – padrão do MAST² –, sendo 39 caixas compostas por documentos provenientes da atividade docente. Nosso trabalho procura, através do mapeamento da produção documental oriunda da docência, identificar os tipos documentais provenientes dessa atividade e compreender melhor o contexto de atuação de um cientista/professor.

Durante a fase de identificação dos documentos, encontramos algumas dificuldades. Deparamos-nos com documentos semelhantes quanto ao conteúdo, mas que reservavam particularidades quanto à definição do tipo documental. O contato diário com a documentação nos motivou a alguns questionamentos norteadores para a nossa pesquisa. Afinal, quais documentos são gerados a partir da atuação de um docente? Como identificar esses documentos e mapeá-los a partir das atividades que lhes deram origem? Como nomear corretamente e definir os documentos identificados?

Diante dessas perguntas, procuramos entender a relação da identificação tipológica, como ferramenta para elaboração de um quadro de classificação consistente. Também se fazia necessário o uso da nomenclatura adequada para identificar os documentos. Para isso, utilizamos o mapeamento das atividades desempenhadas por Estela Kaufman como horizonte do nosso trabalho, o que nos levou a compreender as características da produção documental da atividade profissional desenvolvida pela mesma, a docência.

O levantamento realizado resultou na elaboração de quadros que apresentam dados sobre a trajetória docente de Estela Kaufman, o mapeamento das subatividades da docência e sua produção documental. A pesquisa também apresenta um produto técnico-científico em forma de glossário de espécies e tipos documentais do correlato documental identificado e suas definições. A escolha pela construção de um glossário de espécies e tipos documentais, produzidos na atividade docente de Estela Kaufman, dialoga com pesquisas já desenvolvidas no Arquivo de História da Ciência – AHC/MAST. Os resultados desta pesquisa também poderão vir a contribuir com experiências futuras de tratamento de arquivos a serem realizadas no MAST.

Em sua atividade profissional, Estela Kaufman esteve por mais de 50 anos dedicada à docência. A atuação duradoura resultou em uma acumulação de documentos que refletem a diversidade de atividades executadas a partir do trabalho do professor. O longo período de atividade profissional foi marcado pela atuação em escolas e universidades, na composição de equipes da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro, na coordenação de cursos de graduação e pós-graduação, coordenações pedagógicas e diretorias de associações de classe e grupos de pesquisa em educação matemática. Suas

² Caixas arquivo com dimensões de 13cm x 24cm.

publicações tratam sobre temas ligados ao ensino de Geometria e sobre elaboração de conteúdos relacionando a Matemática com a Arte.

A documentação do arquivo de Estela Kaufman, além de apresentar a trajetória de atuação profissional da matemática, também nos revela dados sobre a história institucional das universidades e escolas nas quais ela atuou. Tais documentos nos demonstram o processo de formação de gerações de educadores matemáticos do estado do Rio de Janeiro.

A preservação de arquivos pessoais, semelhantes ao de Estela Kaufman, cumpre a missão de salvaguardar a memória das atividades científicas registradas nesses documentos. Os arquivos pessoais de professores, pesquisadores e de instituições científicas são parte dos bens que integram o patrimônio científico e tecnológico brasileiro (BRASIL, 2003, p.6). São documentos que refletem a trajetória profissional de educadores e pesquisadores que, através do exercício da sua função, contribuíram para o desenvolvimento da ciência e tecnologia no país. Ao conservar esses arquivos, estamos contribuindo com a preservação da história de instituições de ensino e pesquisa do país, por meio do registro das atividades de seus pesquisadores.

Nossa experiência com o tratamento de arquivos nos demonstra que a forma de compreender os documentos de um arquivo é conhecendo as atividades desempenhadas pelo produtor. O conhecimento da biografia, dos elementos orgânicos da produção documental e do contexto em que as atividades foram exercidas pelo ente produtor nos leva à compreensão sobre o processo de acumulação que resulta em um arquivo pessoal. O mapeamento das atividades do produtor é inerente ao trabalho de identificação arquivística, o que nos leva a afirmar que conhecer e identificar os documentos de arquivo também é uma forma de preservá-los.

Optamos, em nossa pesquisa, por trabalhar apenas com documentos oriundos da atividade docente de Estela Kaufman, e enxergamos essa atividade de forma ampla, entendendo que o exercício da docência contempla uma série de outras atividades decorrentes. Essa opção conceitual tem como principal referência o trabalho de Campos (2014), que tratou as atividades decorrentes como subatividades da docência. Nossa pesquisa concentra-se no mapeamento das subatividades geradas pela atividade docente, e em entender como, a partir desse levantamento, podemos chegar à identificação dos tipos de documentos e à nomenclatura correta destes.

Para chegarmos ao mapeamento das atividades decorrentes da docência foi necessária a compreensão sobre o processo de identificação arquivística em arquivos pessoais. Sendo assim, construímos a nossa base de discussão teórica, tomando como referência publicações que relatam experiências de trabalho com o uso da metodologia de identificação tipológica para o tratamento de arquivos, especialmente os arquivos pessoais.

As discussões sobre tipologia documental já se configuram como um campo de estudo dentro da Arquivologia no Brasil. As pesquisas que discutem os arquivos pessoais sob essa ótica também começaram a ganhar espaço, e se constitui como uma linha de pesquisa ainda com muito material a ser explorado.

As produções nacionais sobre o tema utilizam como parâmetro a produção da literatura espanhola, uma tradição arquivística que se fortaleceu a partir dos anos 1980. Elencamos aqui alguns autores que dão suporte para nossa discussão e que desenvolveram trabalhos de referência dentro do campo de pesquisa sobre identificação tipológica.

A primeira autora que apontamos é Antonia Heredia Herrera, uma das pesquisadoras que contribuíram para consolidação do campo de pesquisa sobre identificação arquivística, estudos diplomáticos e de tipologia documental. Seus trabalhos têm influenciado as produções de pesquisadores brasileiros acerca do tema.

Da produção nacional acerca da identificação arquivística, utilizamos como referência os trabalhos de Heloísa Bellotto. As reflexões propostas pela autora dialogam com as ideias apresentadas pelos arquivistas espanhóis, e contribuíram para consolidação do campo de pesquisa sobre o tema no Brasil. Suas obras são, até os dias atuais, referência para os trabalhos desenvolvidos na área.

Ana Célia Rodrigues, por sua vez, apresenta em seus trabalhos, especialmente em sua tese de doutorado (RODRIGUES, 2008), uma ampla discussão sobre o debate científico dentro da arquivística. A autora relata sobre os processos de identificação arquivística e sobre o desenvolvimento da Diplomática até o período contemporâneo, como essa ciência se renovou, e como se relaciona com a Arquivologia. A autora analisa os fundamentos da identificação arquivística, dando ênfase ao estudo da tipologia documental.

Já em relação à preservação dos arquivos produzidos pela ciência e tecnologia, temos como referencial os trabalhos desenvolvidos por Maria Celina Soares de Mello e Silva. A autora pesquisou sobre a produção documental em laboratórios de ciência e tecnologia. No contexto dessa pesquisa foi realizado um mapeamento da produção dos cientistas em seus laboratórios, e um levantamento de dados sobre a visão desses em relação aos documentos produzidos pelos próprios. A partir destes dados foi elaborado um glossário de espécies e tipos documentais de arquivos de laboratório (SILVA, 2014), que serve como parâmetro para as pesquisas sobre tipologia documental em desenvolvimento no Arquivo de História da Ciência – AHC.

Outros estudos e experiências de análise que utilizadas como referência para o nosso trabalho são as pesquisas de Ana Maria de Almeida Camargo em relação à constituição dos arquivos pessoais. Também faz parte do nosso escopo refletir sobre a constituição dos arquivos pessoais e suas características de acumulação. Dentre os

trabalhos desenvolvidos pela autora, destacamos a obra *Tempo e circunstância* (CAMARGO; GOULART, 2007). Trata-se da apresentação da metodologia de organização do acervo da Fundação Fernando Henrique Cardoso, com a identificação tipológica e elaboração de instrumento de pesquisa dos documentos identificados. O trabalho com acervo de FHC é apresentado como resultado de uma identificação arquivística detalhada, e que procurou dar nome e contextualizar os diversos tipos de documentos de acordo com os gêneros documentais encontrados no acervo de um ex-presidente da República.

Ainda sobre os arquivos pessoais, elencamos a pesquisa realizada por José Francisco Guelfi Campos nos arquivos de professores da Universidade de São Paulo (CAMPOS, 2014). O objetivo central da pesquisa foi investigar o destino da documentação produzida pelos docentes da USP. O autor alertou sobre a importância da preservação desses registros como memória institucional e destacou que em sua atuação os professores produzem documentos provenientes da docência, como também por meio do exercício de suas funções em laboratórios de pesquisa e dos cargos de gestão nas instituições. Na pesquisa também foi realizado um mapeamento dos arquivos pessoais de professores presentes nas unidades da USP e apresentado um guia dos acervos mapeados.

A identificação tipológica em arquivos pessoais também é contemplada nas pesquisas desenvolvidas por Lúcia Maria Velloso de Oliveira no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. O principal trabalho consiste na identificação dos diferentes tipos de cartas presentes no acervo da instituição. Para a autora, a pesquisa em arquivos pessoais pressupõe um conhecimento aprofundado sobre os contextos de produção, que leve o arquivista à compreensão da gênese do documento. Essa condição seria determinante para a elaboração de um instrumento de pesquisa que atenda às necessidades do usuário, e para “exploração do tipo documental como mecanismo de acesso e de conhecimento sobre os arquivos” (OLIVEIRA; SILVA; SOBRAL, 2018, p. 3).

Por fim, entre as referências, foram utilizados modelos de glossários de espécies e tipos documentais, elaborados por algumas instituições. Esses instrumentos de pesquisa foram essenciais para elaboração do produto final dessa pesquisa, quanto à definição dos documentos identificados em nosso mapeamento. Utilizamos o *Glossário de espécies e tipos documentais em arquivos de laboratório* (2014); o *Glossário de espécies/formatos e tipos documentais da Universidade de São Paulo*, elaborado pelo Sistema de Arquivos USP – SAUSP (1997); o *Glossário de espécies/formatos e tipos documentais dos institutos e faculdades da Unicamp*; o *Glossário de tipos documentais em arquivos de cientistas* (2009), produzido pela Casa de Oswaldo Cruz; o *Glossário de termos utilizados na descrição do acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso* (2015).

Também foram considerados os códigos de classificação, tabelas de temporalidade e manuais de gestão produzidos pela administração pública e por universidades. Para

elaboração do quadro de mapeamento das atividades do arquivo de Estela Kaufman foram consultados: *O Código de classificação de documentos de arquivo relativos às atividades-fim das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES* (2011); *o Plano de classificação e tabela de temporalidade da UNESP* (2016); *Manual de gestão de documentos da Universidade de Brasília* (2015); *o Manual de gestão de documentos do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro* (2012);

A metodologia da pesquisa consistiu em uma pesquisa bibliográfica para revisão de literatura da área e para consulta aos manuais de gestão arquivística e instrumentos de pesquisa. Realizamos um estudo no arquivo Estela Kaufman, que possibilitou a construção de uma biografia sobre a produtora, e nos permitiu estudar os tipos documentais do seu arquivo, por meio do mapeamento dos documentos produzidos pela atividade docente. Também foi realizada uma pesquisa documental no arquivo institucional do MAST, para compreensão das etapas que resultaram na doação do arquivo pessoal de Estela Kaufman para a instituição. Complementando a pesquisa documental, também entrevistamos duas pessoas envolvidas no processo de institucionalização do arquivo da matemática.

A opção metodológica do nosso trabalho, baseada na experiência no MAST, foi tratar o arquivo de uma pessoa de maneira não estratificada, uma vez que um indivíduo não tem sua trajetória de vida definida em uma função, competência ou atribuição. Quando trabalhamos com arquivos de pessoas, lidamos com documentos que refletem as atividades desempenhadas no âmbito profissional e na vida pessoal do produtor. Também se insere no contexto desses arquivos a vivência social do produtor, sua prática religiosa, seus *hobbies*, e outras situações variadas que geram os documentos acumulados na trajetória de vida do indivíduo. Essas particularidades ficam mais bem colocadas em um quadro de classificação, e tornam-se mais compreensíveis, quando trabalhadas no nível de atividades.

A estrutura do nosso trabalho está dividida em quatro capítulos que tratam sobre identificação tipológica e a preservação de arquivos, sobre a trajetória de vida de Estela Kaufman e a relação com seus documentos pessoais, e sobre os resultados do levantamento realizado no arquivo. Também apresentaremos o glossário de espécies e tipos documentais, como produto técnico-científico da pesquisa.

No capítulo 1 apresentaremos o referencial teórico sobre o tema de identificação tipológica, ressaltando a utilização da metodologia na pesquisa em arquivos pessoais e suas contribuições para o mapeamento das atividades desempenhadas pelo produtor do arquivo. Também trataremos a questão da diversidade documental nos arquivos pessoais e as possibilidades de pesquisa nesses fundos.

No capítulo 2 apresentamos a biografia da produtora, dando ênfase ao contexto que a mesma vivenciou academicamente e os caminhos profissionais que percorreu. Também fazemos a caracterização do nosso objeto de pesquisa, tratando da contextualização e

institucionalização do arquivo pessoal de Estela Kaufman.

No capítulo 3 trataremos da produção documental de Estela Kaufman. O capítulo apresentará a pesquisa documental realizada no arquivo pessoal da matemática. Serão apresentados os resultados do levantamento das atividades docentes, seus correlatos documentais e os tipos documentais decorrentes dessas atividades. Esses resultados foram sintetizados na forma de quadros com as atividades e subatividades da atuação docente de Estela Kaufman.

Por fim, no capítulo 4, apresentaremos como produto técnico-científico o glossário de espécies e tipos documentais do arquivo Estela Kaufman, que consiste em um quadro com nomes e definições adotadas para cada documento identificado no mapeamento da atividade docente da matemática. As espécies e tipos documentais definidos no glossário visam contribuir com o instrumento de pesquisa, sobre tipologia documental em arquivos de cientistas, que está sendo elaborado pela equipe do Arquivo de História da Ciência do MAST. O produto da pesquisa também reúne dados sobre a composição de um arquivo pessoal de uma professora de matemática, o que poderá auxiliar em pesquisas futuras sobre a atuação de cientistas e docentes e sobre a produção documental decorrente dessa atividade profissional.

CAPÍTULO 1: A IDENTIFICAÇÃO TIPOLÓGICA EM ARQUIVOS

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística define a identificação como o “processo de reconhecimento, sistematização e registro de informações sobre arquivos, com vistas ao seu controle físico e/ou intelectual” (2005, p.104). Trata-se de um termo que começou a ser utilizado na arquivologia há pouco mais de 30 anos, muito devido à atuação dos arquivistas espanhóis em grupos de trabalho. As discussões em torno do conceito de *identificação* se deram nas décadas de 1980 e 1990, quando o debate central dos arquivistas ibero-americanos era a questão da acumulação irregular de arquivos em seus países (RODRIGUES, 2012, p. 4).

Os anos 80 também foram marcados por uma produção considerável por parte dos arquivistas espanhóis. Foram apresentados estudos arquivísticos, em sua maioria, voltados para o debate de métodos de trabalho para organização, classificação e descrição. No entanto, também houve um movimento de busca por uma teorização da área. Uma das autoras que apresentou preocupações teóricas em seus trabalhos foi Antonia Heredia Herrera, como afirma Rodrigues (2008, p. 25).

No artigo *En torno al tipo documental*, Antonia Heredia faz uma análise sobre a representação do termo “tipo documental”, apresentando várias definições colocadas pela bibliografia arquivística. Para a autora, a realização de uma boa análise documental e conhecimento dos documentos de arquivo passam pela função de identificar e atribuir uma nomenclatura correta aos documentos. Seguindo tais etapas, conseqüentemente, as demais fases do processamento documental serão beneficiadas, pois “os nomes das coisas são o primeiro passo para o seu reconhecimento” (HEREDIA HERRERA, 2007, p. 46, tradução nossa).

Ana Célia Rodrigues afirma que os arquivistas espanhóis consolidaram a utilização do termo *identificação* apresentando suas experiências em Jornadas de Metodologia para a Identificação e Avaliação de Fundos Documentais das Administrações Públicas. A partir dessas jornadas a metodologia de identificação passou ter grande influência na arquivologia espanhola, mas havia a necessidade de um embasamento empírico amplo para definição teórica da metodologia.

Tal resultado implicava contrastar as experiências espanholas com as de outros países de tradição semelhante. Assim surgiu o Grupo Ibero-Americano de Gestão de Documentos Administrativos, do qual participavam Espanha, Portugal, Brasil e México. Seu objetivo era “definir e estabelecer um modelo de tratamento de fundos, perfeitamente diferenciado do inglês e do francês, que até o momento eram os únicos identificados no contexto internacional e os que determinavam o planejamento e objetivos do Comitê de Arquivos Administrativos do CIA” (RODRIGUES, 2012, p.5).

O trabalho de pesquisa da tese de doutorado de Ana Célia Rodrigues (2008) apresenta um estudo sobre os processos de identificação arquivística com ênfase no debate sobre tipologia documental. Dentro dessa pesquisa a autora fez uma investigação sobre o surgimento da identificação no contexto arquivístico, e destacou que os esforços empregados para solução do problema de acumulação de fundos contribuíram para o desenvolvimento da história dos arquivos e deu origem a uma tradição arquivística para identificar tipologias documentais (RODRIGUES, 2008, p. 11).

Ainda segundo Rodrigues, os anos 1980 assinalaram o ressurgimento do campo de estudos sobre a Diplomática³. A retomada foi uma espécie de “reinvenção” ou “adaptação” para se aplicar os princípios teórico-metodológicos aos documentos de arquivo. É dessa renovação que surge o campo de estudos sobre tipologia documental, “uma área nova, produto de uma revisão do desenvolvimento e da atualização dos princípios formulados pela diplomática clássica” (RODRIGUES, 2008, p. 152).

A pesquisa na arquivologia brasileira também se insere nesse contexto de novas descobertas metodológicas e foi influenciada por esta “nova corrente teórica que se formou, disseminando entre os arquivistas este novo conceito de documento, cujo debate em torno de sua natureza é sustentado pelo método de análise da diplomática contemporânea” (RODRIGUES, 2008, p.12).

Graças à participação efetiva do Brasil na formulação de novas ideias para a arquivologia no contexto ibero-americano houve no país uma “grande penetração da Arquivística espanhola – especialmente, no que diz respeito aos estudos tipológicos documentais” (TROITIÑO, 2015, p. 160-161). Essa influência pôde ser percebida pela inserção dos textos de autores espanhóis “nos meios acadêmicos e no cotidiano dos arquivos” (TROITIÑO, 2015, p.161).

O Brasil teve participação nas discussões propostas pelos arquivistas de países ibero-americanos, contribuindo com suas experiências arquivísticas para a formulação do conceito de identificação (RODRIGUES, 2008, p. 15). Com a utilização da nova metodologia, o Arquivo Nacional serviu de referência para outros arquivos brasileiros no tratamento de arquivos acumulados. No entanto, o trabalho de identificação não chegou no nível da caracterização da tipologia documental. Até o momento, a metodologia de identificação tipológica não se configura como uma prática regular no tratamento de documentos de arquivos no Brasil.

Os métodos formulados estiveram focados no nível da identificação dos fundos para fins de implantação de políticas de transferências e recolhimentos e estabelecimento de sistemas de arquivos. Nesta

³ Segundo definição do *Dicionário de Terminologia Arquivística*, a Diplomática é a “disciplina que tem por objetivo a estrutura formal e a autenticidade dos documentos”. (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p. 24).

perspectiva, diferenciou-se das propostas metodológicas formuladas na Espanha, que tinham como objetivo produzir conhecimento sobre a relação entre o tipo documental e seu contexto de produção para classificar, avaliar e descrever os fundos acumulados nos arquivos da administração pública (RODRIGUES, 2012, p.8).

A discussão sobre tipologia documental se insere no contexto nacional a partir dos trabalhos publicados por Heloisa Bellotto ainda na década de 1980. A produção bibliográfica da autora é um exemplo da inserção da escola espanhola no contexto nacional. Suas publicações apresentam os conceitos de análise tipológica e diplomática e descreve quais os objetos desses campos de estudo. Bellotto afirma que a identificação das espécies e tipos documentais pressupõe que o arquivista tenha conhecimento das atividades desenvolvidas pelo produtor do arquivo. Dessa forma, torna-se possível estabelecer as relações orgânicas mantidas entre aquelas atividades que deram origem ao documento (BELLOTTO, 2002, p 91). As publicações da autora marcaram a produção bibliográfica nacional sobre tipologia documental.

É a partir dos textos publicados pela autora [Bellotto] em 1982, e com novas abordagens em 1990, que são divulgados no Brasil os estudos de análise documental realizados a partir dos parâmetros da diplomática e da tipologia documental, disseminando o modelo proposto pelo Grupo de Arquivistas Municipais de Madri e apresentando com originalidade os aspectos teóricos e metodológicos que fundamentam a tipologia documental. Esta perspectiva aberta por Heloisa Bellotto, considerada como referencial teórico sobre o assunto no país passou a influenciar as práticas desenvolvidas em um segmento dos arquivos brasileiros, especificamente no que se refere à identificação de documentos na fase de produção e na de acumulação, utilizando como método a tipologia documental (RODRIGUES, 2012, p.8).

Para Bellotto, a tipologia documental é uma ampliação das práticas já exercidas por meio da diplomática, porém com o foco em compreender a gênese documental estudando a “contextualização nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/acumuladora” (BELLOTTO, 2002, p.19).

Tipo diplomático não é exatamente igual a tipo documental. Os tipos documentais podem ser reconhecidos a partir dos testemunhos das diversas atividades do homem enquadradas dentro delas também variadas instituições onde são produzidas (HEREDIA HERRERA, 2007, p. 33, tradução nossa).

O propósito da análise diplomática é a configuração interna do documento, o estudo jurídico das partes que o constitui e dos seus caracteres, como forma de garantia da autenticidade. Já a tipologia, além de incluir esses aspectos, também busca compreender os documentos como integrantes de conjuntos orgânicos e oriundos de uma mesma atividade (BELLOTTO, p.19, 2002). A semelhança nas formas de análise entre os dois campos de

estudo é o que leva a nomear a tipologia documental como diplomática contemporânea.

A tipologia é voltada para o estudo do tipo documental arquivístico que vem a ser a “configuração que a espécie documental assume, de acordo com a atividade que gerou o documento”; e a espécie documental como “a configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas” (DICIONÁRIO, 1996).

Incluir a metodologia de identificação como habitual no tratamento de arquivos pressupõe que os profissionais que lidam com os documentos tenham conhecimento dos contextos de produção e das funções e atividades desempenhadas pelo órgão produtor. A organização de um arquivo com base na identificação tipológica torna a fase de levantamento de dados uma etapa em que se procura “estudar analiticamente o documento de arquivo e os vínculos que mantém com o órgão que o produziu, seja em fase de produção ou de acumulação. Neste sentido, é um trabalho de pesquisa e de crítica sobre a gênese documental” (RODRIGUES, 2008, p.22).

Sendo assim, o trabalho de identificar os tipos documentais de um arquivo requer que o profissional tenha estudado intrinsecamente a documentação com que lida (BELLOTTO, 1991, p.25). Somente com o conhecimento bem fundamentado dos documentos é que o arquivista poderá identificar, atribuir nomenclatura adequada para os tipos documentais e defini-los.

O ato de definir e de dar nome a algo são operações distintas. Para apresentar uma definição fazemos uso de um dicionário como forma de “enunciar os atributos essenciais e específicos de uma coisa de modo que a torne inconfundível com outra”. Já para nomear, é necessário identificar, “determinar a origem, a natureza, as características de algo” (FERREIRA, 1999, apud BELLOTTO, 2015, p.280).

O trabalho de atribuir “nome aos documentos identificando-os a partir da espécie ou do tipo, constitui uma das operações mais importantes da arquivística” (CAMARGO; GOULART, 2007, p.65). É uma etapa que exige do profissional arquivista o conhecimento do contexto em que esse documento foi produzido. A adoção de uma nomenclatura apropriada contribui para o bom desenvolvimento das fases de identificação e classificação desses documentos, como também para a elaboração dos instrumentos de pesquisa que auxiliarão os usuários.

A aplicação da identificação tipológica no tratamento documental também resulta na elaboração de um plano de classificação mais consistente. O conhecimento das atividades desempenhadas pelo produtor do arquivo e a identificação dos tipos documentais decorrentes resulta em uma recuperação da informação mais eficaz.

O uso da metodologia de identificação tipológica ainda se configura como uma prática recente e que encontra certa resistência entre os arquivistas. Segundo Ana Maria de Almeida Camargo, “muitos profissionais se eximem de identificá-los [os documentos], na

suposição de que, sendo todos da mesma espécie, basta reconhecê-los pela função que cumprem ou pelo assunto de que tratam” (CAMARGO, 2015, p. 14).

Para Silva, é fundamental que os arquivistas compreendam a importância de se conhecer a tipologia documental dos arquivos da sua área de atuação. O investimento em identificação tipológica dará suporte para as decisões que envolvem a avaliação, seleção, classificação, descrição e destinação dos documentos. Contribuirá para uma padronização de vocabulário, e conseqüentemente para uma melhor classificação e descrição dos documentos (SILVA, 2014, p. 9-10).

O levantamento de espécies e tipos documentais ainda não se tornou uma atividade regular para arquivistas e documentalistas. Poucas iniciativas, no Brasil, têm abordado esta temática, embora, nos últimos anos, tenham crescido consideravelmente as pesquisas nessa área, especialmente no nível acadêmico (SILVA, 2013, p.164).

A metodologia não se tornou uma prática cotidiana entre os arquivistas brasileiros, porém o tema tem sido contemplado em publicações de trabalhos acadêmicos da área. De acordo com a pesquisa bibliográfica indicada a seguir, percebemos que o interesse pelo tema é uma questão atual e pertinente no campo de pesquisa em arquivologia no Brasil e que tem potencial para ser explorado.

Elencamos alguns trabalhos que abordam a identificação tipológica como eixo de discussão e experiências de pesquisa que nos ajudaram a refletir sobre nossa metodologia. Priorizamos publicações que tratam da identificação tipológica em arquivos pessoais, que produziram glossários como resultados de pesquisa, que lidaram com arquivos de grande diversidade documental e com produção oriunda das atividades acadêmicas. Faremos uma breve exposição dos trabalhos identificados, mencionando a problemática principal e os resultados da pesquisa.

No que diz respeito à identificação tipológica em arquivos pessoais, elencamos o trabalho de mestrado de Luis Felipe Dias Trotta (2016). A dissertação problematiza o conceito de tipologia documental e os conceitos de função e atividades nos arquivos pessoais em relação à teoria arquivística tradicional. O objeto de estudo foi o arquivo do jornalista e humorista Leon Eliachar. O arquivo encontra-se sob custódia do Arquivo Museu de Literatura Brasileira, setor da Fundação Casa de Rui Barbosa. Como produto da pesquisa, Trotta elaborou um glossário com definições dos tipos documentais encontrados no arquivo do jornalista. Para elaboração do glossário, o autor fez uma pesquisa sobre os glossários de espécies e tipos documentais em arquivos pessoais, e constatou o número reduzido de publicações que se dedicam ao tema.

Sobre os arquivos pessoais de docentes, identificamos o projeto de pesquisa “Por

uma política de preservação da memória da docência e da pesquisa na USP” (2013)⁴, que foi elaborado por diversos pesquisadores⁵ vinculados a universidade e coordenado por Lilian Miranda Bezerra⁶. A pesquisa de mestrado de Campos (2014), que é um dos trabalhos utilizados como referencial da nossa pesquisa, trabalhou com dados coletados na pesquisa de campo realizada no contexto do projeto. A pesquisa consistiu em mapear os arquivos pessoais de docentes aposentados ou falecidos e investigar sobre a destinação e preservação desses documentos. O resultado do mapeamento está disponível no banco de dados *Docere*⁷ e conta com material de apoio: orientações de uso do banco de dados; lista das unidades e órgãos que foram abrangidos pela pesquisa; e *Lista de Termos Preferenciais*, documento que apresenta as espécies, formatos, tipos documentais e objetos encontrados durante a pesquisa nos arquivos.

A dissertação de Sílvia Lhamas de Mello (2013) apresenta uma pesquisa em arquivos universitários com um recorte específico sobre documentação da área de pessoal da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Além de discutir sobre os princípios e bases metodológicas da identificação e classificação arquivística, Mello analisou a relação da metodologia de identificação arquivística com a classificação de documentos universitários, e como se organiza a estrutura administrativa da universidade. A dissertação também apresenta um estudo de caso da aplicação da metodologia de identificação na Divisão de Gestão Documental e da Informação da universidade. Como produtos da pesquisa, a autora elaborou quadros de identificação das atividades do órgão produtor, de identificação dos tipos documentais e propôs um plano de classificação funcional para a Pró-Reitoria de Pessoal da UFRJ.

O trabalho de André Porto Ancona Lopez (2012) apresenta uma discussão sobre a identificação tipológica como metodologia para organização dos documentos de arquivo de entidades políticas. O autor faz uma análise da produção documental das organizações de movimentos sociais, afirmando que tais entidades produzem documentos de maneira informal, sem padrões ou normas estabelecidas, o que corrobora com uma diversidade documental nesses arquivos. Para Lopez, a opção pela tipologia documental visa contribuir para uma melhor definição das funções que produzem a documentação das associações, e dos documentos originários dessas atividades. Como produto da pesquisa, o autor produziu quadros apresentando as funções, espécies e tipos documentais presentes nesses fundos.

Outro trabalho que apresenta um glossário como resultado de pesquisa é a

⁴ A pesquisa faz parte do *Projeto Memória Docente*, coordenado pelo Arquivo Geral da USP. Disponível em: <<https://sites.usp.br/projetomemoria/projeto/>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

⁵ Elaborado por: Ana Maria de Almeida Camargo (FFLCH); Dina Elisabete Uliana (FAU); Elisabete Marin Ribas (IEB); Johanna Wilhelmina Smit (AG, ECA); José Francisco Guelfi Campos (FFLCH); Lílian Miranda Bezerra (AG); Silvana Karpinski (MAC).

⁶ Parte das experiências vivenciadas no projeto está registrada na publicação dos trabalhos apresentados no 7º Encontro de Arquivos Científicos. Ver: Campos e Bezerra (2015).

⁷ O banco de dados *Docere* encontra-se disponível no site do Arquivo geral da USP.

dissertação de mestrado de Márcia Cristina Pazin Vitoriano (2005). A pesquisa foi realizada no acervo histórico da Assembleia Legislativa de São Paulo, teve como estudo de caso a produção documental da Casa, no período Imperial. A autora fez um estudo de toda estrutura administrativa da Assembleia, falou do histórico e do funcionamento do espaço no período Imperial. A contextualização da história da instituição resultou na elaboração do instrumento de pesquisa, que conta com formatos, espécies e tipos documentais do arquivo da Assembleia Provincial de São Paulo.

Por fim, também destacamos a tese de doutorado de José Francisco Guelfi Campos (2018), que trabalhou com tipos documentais oriundos da atividade jornalística. Campos problematizou a forma esses documentos são identificados e descritos no tratamento documental. O autor procurou identificar tipologicamente as espécies documentais jornalísticas frequentemente encontradas nos arquivos, a partir disso, elaborou um glossário com definições. O trabalho apresentou uma reflexão histórica sobre a prática de acumulação dos recortes e quais os exemplos identificados nos arquivos pessoais.

A pesquisa bibliográfica demonstrou que, mesmo com propostas de trabalho em torno da discussão dos tipos documentais, a identificação de documentos oriundos da atividade docente ainda é um tema pouco explorado. Mesmo o exemplo mencionado do projeto de pesquisa desenvolvido na USP, houve o mapeamento da documentação, mas a identificação dos tipos documentais não chegou a ser explorada. Diante disto, ressaltamos a relevância do mapeamento das atividades da docência e identificação da produção documental, como forma de conhecer e preservar esses registros.

1.1 Os Arquivos pessoais

As reflexões em torno dos arquivos pessoais têm se constituído como um amplo campo de pesquisa para a arquivologia atual. O ato de produzir arquivos no âmbito pessoal “é um modo de evidenciar e memoriar nossas vidas – nossa existência, nossas atividades e experiências, nossas relações com os outros, nossa identidade, nosso “lugar” no mundo” (MCKEMMISH, 2018, p. 239).

A diversidade presente na produção documental desses arquivos tem despertado o interesse de historiadores de variados campos de pesquisa, e resultado em uma produção acadêmica extensa sobre o tema.

Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, as últimas décadas do século XX foram marcadas pelas pesquisas historiográficas sobre as “escritas de si”, que diz respeito às produções biográficas e autobiográficas, às pesquisas em diários íntimos e em documentos que compõe narrativas memorialísticas. Essa guinada aos estudos sobre a

“produção do eu” contribuiu para que os historiadores voltassem à atenção aos arquivos pessoais e passassem a enxergar a produção documental desses, não só como fonte, mas como uma “fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto da pesquisa histórica” (GOMES, 2004, p. 10).

Os arquivos pessoais podem oferecer ao pesquisador, recortes ou narrativas referentes a determinados acontecimentos da vida do produtor. A seleção desses documentos representa o exercício de “arquivamento do eu”, que pode sugerir uma intenção autobiográfica (ARTIÈRES, 1998, p.11). Arquivar a própria trajetória faz parte de um movimento de registrar a nossa existência e a nossa identidade no mundo, uma tentativa de guardar as “provas de mim”. “Fabricamos e guardamos os registros que compõem um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro” (MCKEMMISH, 2013, p. 24).

Cabe ao produtor do arquivo a decisão de quais “provas” serão preservadas para as gerações futuras. É a pessoa “a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo, cabe a ela determinar o que deve ser guardado e de que maneira” (HEYMANN, 1997, p. 42-43).

Diferente do tratamento documental reservado aos arquivos institucionais, o trabalho com documentos pessoais requer uma compreensão aprofundada dos contextos de produção do arquivo e sobre a trajetória pessoal e profissional do produtor. Ao trabalharmos com arquivos pessoais, deparamo-nos com cartas, minutas, apontamentos, bilhetes, fotografias, livros, bibliotecas musicais, entre outros documentos pessoais que nos revelam o enredo de vida do produtor, e o contexto social em que esteve inserido. Sendo assim, o estudo biográfico sobre o produtor do arquivo é uma etapa essencial do tratamento documental.

O conhecimento biográfico do titular e dos elementos de constituição de seu arquivo é fundamental na metodologia de tratamento dos arquivos pessoais. A operação de estabelecer a classificação dos documentos só será levada a bom termo se estas etapas iniciais foram bem delineadas (SANTOS, 2012, p.39).

Silva (2015, p. 187) afirma que quanto mais se tem conhecimento sobre o indivíduo e sobre a produção de documentos do seu arquivo, mais apurado será o trabalho de elaboração de um quadro de classificação. Dessa forma, a identificação dos tipos documentais é tarefa fundamental para se compreender o contexto de produção de um arquivo.

O conhecimento das espécies e tipos documentais torna-se fundamental para a organização dos arquivos. Podemos afirmar que o arquivista não

precisa compreender física para organizar o arquivo de um físico, mas precisa compreender a biografia, os procedimentos, as atividades e a consequente produção documental na área de atuação de um físico, ou seja, a forma como a informação é produzida e configurada nos documentos (SILVA, 2013, p.164).

Porém, mais do que nos oferecer subsídios para construção da biografia do titular, a pesquisa nos arquivos pessoais deve apresentar contribuições para a sociedade que se dedicará à organização desses documentos (BELLOTTO, 2015, p.279). Dentre essas contribuições está: identificar, definir e dar nomes aos documentos dos arquivos.

Os profissionais que se dedicam ao trabalho com esses fundos precisam estar abertos para compreender as singularidades presentes nesses arquivos e para entender que, diferente da metodologia adotada na organização de arquivos institucionais, “definir as funções e atividades de um indivíduo no decorrer de sua vida já é uma tarefa mais complexa e que exige um trabalho de pesquisa sobre a biografia de vida e a trajetória profissional da pessoa” (SILVA, 2012, p. 90).

A identificação dos documentos de arquivos pessoais demanda um trabalho de pesquisa, que leve em consideração os contextos de produção e o entendimento de que indivíduos durante o curso de suas vidas estabelecem diversas relações, transitam em vários espaços e assumem diferentes funções. Sendo assim, os arquivos pessoais são caracterizados não somente pela capacidade de nos fornecer informações sobre um indivíduo, em sua atividade profissional e vida privada, “mas também de sua participação em instituições e entidades, sob um ponto de vista diferenciado” (SILVA, 2015, p. 179).

Diante da do desafio apresentado no trabalho com arquivos de pessoas, uma opção metodológica adotada no tratamento documental é o mapeamento das funções e atividades desempenhadas pelo ente produtor para construção do plano de classificação, pois não há possibilidade de definir qual a missão de um indivíduo no decorrer de sua vida. Diferentemente de quando trabalhamos com documentos de uma instituição, na qual as funções, as competências e atribuições estão bem definidas.

O tratamento dado aos arquivos pessoais pressupõe o exercício de se identificar as atividades que produziram os documentos. Tal como no arquivo institucional, onde é necessário conhecer a missão, as funções e atribuições de um órgão para se estruturar um plano de classificação, no arquivo pessoal é preciso conhecer a biografia da pessoa. Tal conhecimento é determinante para a classificação. Aliar o conhecimento da história de vida com o do conteúdo do acervo é um desafio que demanda pesquisa (SILVA, 2015, p. 181-182).

O processo de construção dos arquivos pessoais é marcado pela liberdade que o produtor possui na acumulação e seleção dos documentos. A autonomia que o produtor tem ao construir o seu próprio arquivo resulta na diversidade documental característica desses

conjuntos.

Quanto mais desordenado um arquivo pessoal se apresenta, mais será necessário ao arquivista estudar para compreendê-lo em sua totalidade. O arquivista que atua com arquivos pessoais trabalha como quem monta um quebra-cabeça, onde as peças encontram-se espalhadas em meio ao conjunto, e precisam ser identificadas, reunidas e articuladas, para que façam sentido (SILVA, 2015, p. 182).

Nossa experiência de trabalho no Arquivo de História da Ciência nos fez perceber que os arquivos pessoais de cientistas apresentam mais documentos sobre a atuação profissional nas instituições, do que sobre a vida privada do pesquisador. A escolha pela preservação de documentos referentes à atividade profissional pode se caracterizar como uma forma de perpetuação da imagem para a posteridade, a partir da atividade científica. O foco principal não é o indivíduo, mas sim o trabalho acadêmico que produziu durante sua vida.

Os arquivos de cientistas podem apresentar informações sobre pesquisas elaboradas em laboratórios, sobre as trocas de informações com outros pesquisadores, sobre as pesquisas de campo, sobre a gestão de instituições de ensino e pesquisa, entre outras atividades. Como também, podem conter documentos sobre uma atividade docente duradoura, como foi percebido na pesquisa no arquivo de Estela Kaufman.

A variedade de documentos acumulados nos arquivos pessoais tem demonstrado ser um desafio para os profissionais da área (TRANCOSO; SILVA, 2013, p. 58). Quando nos referimos aos arquivos produzidos no âmbito da ciência e tecnologia, esse desafio é ampliado, pois podem conter documentos pouco comuns ao trabalho do arquivista. Portanto, o uso da metodologia de identificação tipológica, nesses arquivos, pode nos permitir a descoberta de tipos documentais ainda desconhecidos pela arquivologia.

É necessário que as informações que ele [o arquivo] contém sejam úteis para serem conhecidas, bem estudadas, generalizadas e divulgadas pelos investigadores para benefício da história da sociedade onde tenha vivido e atuado aquele titular; seja um estadista, um político, um escritor, um artista, um cientista, um militar, um líder profissional ou sindical, um esportista, um jurista, um profissional liberal, um engenheiro, um cineasta, um filósofo, um operário, uma dona de casa, ou o que for. Suas diferentes vidas vão produzir alguns documentos de tipologia semelhante, mas muitos outros distintos entre si. E, frequentemente, de espécies e tipos completamente inusitados (BELLOTTO, 2015, p. 279-280).

O trabalho de identificar os tipos e espécies documentais nos arquivos nos direciona para a tarefa de atribuir nomes aos documentos. É um trabalho árduo e, em se tratando do contexto dos arquivos pessoais produzidos pela ciência e tecnologia, o grau de complexidade pode ser elevado.

Um fator que colabora com essa complexidade é a distância temporal entre a ocasião em que o documento foi produzido e o momento atual no qual ele está sendo tratado. O que pode ocasionar o surgimento de “tipos documentais que não fazem parte da vivência do profissional documentalista” (BELLOTTO, 2015, p.280).

Pressupomos que uma das formas de suprir o distanciamento temporal entre o contexto de produção do documento e o trabalho do arquivista na atualidade é estudar a trajetória de vida do produtor, identificar as atividades desenvolvidas por esse sujeito e propor a elaboração de instrumentos de pesquisa com base na identificação tipológica. As informações reunidas nos instrumentos servirão como mais uma fonte de informação para o trabalho do arquivista e do pesquisador do arquivo. Um glossário de espécies e tipos documentais, elaborado com base na produção documental de um arquivo, também poderá auxiliar na identificação dos documentos de arquivos semelhantes.

1.2 Identificação tipológica – uma metodologia para preservação

A perspectiva atual do que se entende como o patrimônio cultural brasileiro começou a ser formulado durante a década de 1980 e teve seu ponto principal com o processo de redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988. Trata-se de uma tendência seguida em todo mundo ocidental e que “consolidou uma noção ampla e plural da identidade brasileira” (CHUVA, 2012, p. 160-161).

A carta magna de 1988 incluiu a perspectiva de patrimônio científico e tecnológico no âmbito do patrimônio cultural brasileiro. Com a institucionalização dos elementos que compõe o patrimônio cultural também se inseriu as suas diferentes manifestações, incluindo os documentos arquivísticos (GRANATO; OLIVEIRA, 2012, p. 318).

Nos anos seguintes as iniciativas de instituições e de pesquisadores colocaram em pauta o tema da preservação do patrimônio da C&T brasileiro. Em 2003, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq nomeou uma Comissão Especial para elaboração de uma política de preservação da memória da ciência e tecnologia no Brasil. Com o lançamento do relatório redigido pela Comissão Especial foram propostas 10 diretrizes sobre os aspectos da preservação da memória da C&T, e sobre os bens que compõem o patrimônio científico e tecnológico brasileiro. Também integram esse patrimônio os arquivos pessoais de professores, pesquisadores e os arquivos das instituições científicas. As 10 recomendações propostas pela Comissão foram consolidadas no livro *Política Nacional de Memória da Ciência e da Tecnologia, Brasil* (2003).

Em 2016, o MAST sediou o *IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Cultural de Ciência e Tecnologia*, no qual foi elaborado o texto publicado na *Carta do Rio de Janeiro sobre o patrimônio cultural da ciência e tecnologia* (2017), que apresenta 12

diretrizes para a construção de políticas de salvaguarda deste patrimônio.

As pesquisas de Silva (2007) e de Campos (2014) apontam, respectivamente, para a ausência de programas institucionais de preservação de documentos dos arquivos de centros de pesquisa e de universidades.

Na tese de Maria Celina Soares de Mello e Silva, a problemática principal é a relação dos cientistas com documentos produzidos a partir da atividade de pesquisa nos laboratórios. O trabalho demonstra que a ausência de diretrizes institucionais sobre a preservação de documentos resulta em decisões individuais dos cientistas em relação ao destino da sua produção. Silva também ressalta a falta de programas de governo para a preservação da memória científica e tecnológica brasileira, fator que colabora para que “os registros oriundos da C&T tomem os destinos mais variados possíveis” (SILVA, 2007, p. 30).

Já na pesquisa de José Francisco Guelfi Campos, foram realizadas visitas em diferentes unidades da USP, realizando um mapeamento dos arquivos de professores aposentados ou falecidos da instituição. A pesquisa apontou para a ausência de uma política memorial por parte da universidade, e que a situação atual “das iniciativas de preservação da memória desenvolvidas na USP contribui para que os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da universidade permaneçam obscurecidos em uma zona de penumbra”, mesmo se tratando de importantes fontes de pesquisa para a história da ciência e da educação (CAMPOS, 2014, p. 130).

Ambas as pesquisas abordam questões destacadas no relatório da *Política Nacional de Memória da Ciência e da Tecnologia*. O documento afirma que:

Universidades, institutos de ciência e sociedades científicas, em franco menosprezo a suas funções sociais e a sua importância histórica, não preservam documentos inestimáveis para o reconhecimento do trabalho de seus professores, pesquisadores, administradores e alunos. Tal postura se verifica inclusive nos cursos de História reconhecidos institucionalmente. Assim, entidades, grupos e figuras de relevante papel na construção e na disseminação do saber brasileiro desaparecerem muitas vezes sem deixar vestígio palpável (BRASIL, 2003, p.6-7).

As instituições nacionais de ensino e pesquisa possuem um vasto acervo a ser explorado pela história da ciência, mas por falta de aplicação de uma política ampla de preservação, esse legado encontra-se ameaçado. Perante este fato, podemos afirmar que o trabalho de preservação da memória e dos acervos da C&T no Brasil está resumido a iniciativas isoladas de algumas instituições.

Apesar de não ser uma prática corriqueira no trabalho diário do arquivista, algumas experiências de pesquisa têm considerado a relevância da identificação tipológica no tratamento de arquivos pessoais e institucionais. Esses trabalhos resultaram na publicação de instrumentos de pesquisas que utilizamos como parâmetro na elaboração do produto

técnico-científico desta dissertação.

O levantamento das espécies e tipos documentais é um esforço de pesquisa, que tem começado a ser realizado por arquivistas brasileiros e algumas experiências têm demonstrado a importância, não apenas para o próprio trabalho de organização dos fundos documentais, como, também, para os pesquisadores que irão usufruir do acervo em suas investigações. A correta identificação dos nomes dos documentos facilitará a recuperação da informação por parte dos usuários (SILVA, 2013, p.164).

No que se refere aos arquivos pessoais de cientistas, o trabalho de preservação realizado no MAST tem se dedicado a pesquisa sobre tipologia documental no acervo arquivístico da instituição⁸. Além do glossário de espécies e tipos documentais de arquivos de laboratórios a equipe do AHC tem se voltado para a identificação das espécies e tipos documentais nos arquivos pessoais de cientistas que compõem o acervo do MAST. As pesquisas realizadas na instituição objetivam o levantamento dos variados tipos e espécies documentais dos arquivos de cientistas, com a finalidade de elaborar procedimentos e políticas de preservação. O projeto pretende elaborar produtos como glossários e guias, que auxiliem nas pesquisas e no trabalho de organização dos arquivos de cientistas.

Nosso trabalho de pesquisa no Arquivo de História da Ciência nos permite afirmar que, à medida que as atividades exercidas pelo produtor do arquivo são mapeadas e os tipos de documentos são reconhecidos, temos mais clareza sobre a sua produção documental, e conseqüentemente, mais chances de preservá-la.

A Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz também conta com pesquisas sobre reconhecimento dos tipos documentais do acervo da instituição. O Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz – COC se utilizou da identificação tipológica como forma de normalizar a terminologia para auxiliar nas etapas de descrição e de comunicação com os usuários do arquivo. A criação do *Glossário de tipos documentais em arquivos de cientistas*⁹ apresentou as definições dos documentos originários das pesquisas em biomédica e saúde pública. O glossário foi criado como forma de obter o controle do vocabulário na identificação dos documentos e para facilitar a recuperação da informação.

Ainda no contexto da Fiocruz, destacam-se as pesquisas de Paulo Elian dos Santos (2008) e (2012), que tratam do contexto da produção documental dos cientistas nos laboratórios das ciências biomédicas. O estudo foi realizado nos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz – IOC e consistiu em pesquisas de campo e entrevistas com cientistas dos laboratórios como forma de mapear os tipos documentais produzidos nesses espaços e quais as medidas de preservação desses registros.

⁸ Disponível em: <<http://portal.mast.br/pt-br/documentacao-e-arquivo-2.html?layout=edit&id=541>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

⁹ Ver: Castro e Lourenço (2009).

Outro exemplo que se destaca é a organização do acervo da Fundação Fernando Henrique Cardoso, que conta com documentos acumulados no decorrer e após os mandatos do então presidente da República. A instituição também preserva o arquivo de Ruth Cardoso, esposa do ex-presidente. As experiências de tratamento desse acervo, com base na identificação dos tipos e espécies documentais, foram reunidas em publicações¹⁰ e resultou na elaboração de um glossário com os termos utilizados na descrição do acervo. “No processo de descrição desses documentos, a identificação de espécies e tipos revestiu-se sempre de grande importância, apesar das dificuldades enfrentadas.” A complexidade do acervo exigiu uma contextualização da produção documental e das atividades que a originaram (CAMARGO, 2015, p. 15).

O trabalho com os arquivos pessoais já exige do arquivista maior atenção devido à diversidade de documentos e para compreensão dos contextos de produção. Por sua vez, os arquivos produzidos pela atividade científica exigem mais dedicação quanto à pesquisa, pois se trata de uma produção documental geralmente distinta da qual os documentalistas estão habituados a trabalhar.

Para documentos de determinadas áreas fins do conhecimento, como literatura, música, ciência e tecnologia – entre tantas outras –, existe grande dificuldade no estabelecimento de tipos documentais de acordo com a Arquivologia. Resultado da carência de estudos na área (TROIÑO, 2015, p.166).

Os arquivos da ciência e tecnologia pertencem a um universo ainda pouco explorado pelos profissionais de arquivo. A experiência em lidar com arquivos dessa natureza somente será adquirida por meio da prática, sobre isso, Silva e Barboza (2012) afirmam que:

Dada a variedade dos acervos arquivístico e bibliográfico depositados nas instituições, a formação do profissional tanto do arquivista quanto do bibliotecário tende a ser bastante ampla. Ainda assim, os profissionais dessas áreas que atuam com acervos de ciência e tecnologia adquiriram seus conhecimentos específicos com o trabalho cotidiano, e quando muito em cursos de curta duração ou estágios (SILVA; BARBOZA, 2012, p.13).

Pressupomos que a prática, aliada à utilização da metodologia de identificação tipológica, resulta na elaboração de instrumentos de pesquisa de melhor qualidade, embasamento e que sirva de referência para instituições e outros profissionais da área. A elaboração desses instrumentos de pesquisa também se configura como uma forma de preservação dos arquivos da ciência e tecnologia.

Um dos resultados da identificação tipológica em arquivos é a padronização das nomenclaturas dadas às espécies e aos tipos documentais, pois “o tipo documental é um

¹⁰ Ver: Camargo e Goulart (2007); Fundação FHC (2015); Camargo (2015).

modelo que permite reconhecer outros documentos de características iguais, que testemunham uma ação ou ato específico” (HEREDIA HERRERA, 2007, p. 45, tradução nossa). Ao identificar os documentos o arquivista terá maior precisão sobre a utilização dos termos e nomenclaturas dos mesmos.

A tarefa de nomear os documentos de um arquivo não é simples, e exige que o arquivista considere as referências do contexto em que o documento foi produzido. Isso só é possível com o detalhamento das funções e atividades desempenhadas pelo produtor do arquivo.

A escolha do nome é, antes de tudo, atribuição de significado. O nome do documento ou o do próprio tipo documental, quando nos referimos a ele, carrega em si uma gama de sentidos. No caso do tipo documental, justamente por ser modelo, a combinação de elementos – o tão difundido critério de aliar a espécie à função –, pode mudar totalmente a possibilidade do uso legal-administrativo da unidade documental (TROIÑO, 2015, p.160).

No contexto dos arquivos pessoais de cientistas, essa tarefa torna-se mais difícil pela ausência de normas durante a acumulação dos documentos. Os produtores dos arquivos possuem autonomia sobre a gestão dos seus documentos, tendo “liberdade para a seleção dos documentos que serão preservados” (SILVA; TRANCOSO, 2014, p.37).

A identificação tipológica pode nos conceder características intrínsecas dos documentos, nos auxiliando com as informações sobre o contexto de produção. Entender sobre a produção do arquivo, e nomear de maneira adequada os seus documentos, resulta na construção de um instrumento de pesquisa mais aprimorado, e um melhor acesso à informação para o usuário e para o arquivista. “A identificação dos tipos documentais adequada, demonstrando seu vínculo com a atividade ou ato que dá origem à criação do documento, oferece aos usuários amplas possibilidades de abordagem dos arquivos” (OLIVEIRA, 2010, p.86). Dessa forma, cumpre-se o objetivo de preservar e divulgar as informações dos registros sobre a história e memória da C&T.

Diante disto, partimos do pressuposto que a tarefa de nomear e identificar tipologicamente os documentos de arquivos pessoais de cientistas é uma das formas de ampliar os debates no campo de pesquisa. O reconhecimento dos tipos documentais dos acervos pode apresentar para a arquivologia, tipos e espécies documentais ainda desconhecidas, ou que não sejam comuns no trabalho cotidiano de tratamento documental.

CAPÍTULO 2: ESTELA KAUFMAN E SEU ARQUIVO PESSOAL

No trabalho com arquivos pessoais é essencial voltar-se para a construção de uma trajetória biográfica do produtor do arquivo, para buscar compreender o contexto de produção dos documentos e das atividades desempenhadas pelo titular. Com o arquivo pessoal de Estela Kaufman, não foi diferente. O período que antecedeu a identificação dos documentos foi marcado por pesquisas que buscaram construir uma biografia da produtora. A construção dessa trajetória foi feita com base no levantamento de dados por meio de publicações bibliográficas sobre a cientista, pelo contato com os familiares e colegas da mesma e pelo acesso aos documentos do seu arquivo pessoal.

Para além da construção de uma narrativa biográfica sobre a trajetória do produtor do arquivo, tal escolha metodológica visa contextualizar as relações pessoais, profissionais e sociais vivenciadas por esse indivíduo. A contextualização das vivências do produtor e das atividades que exerceu por onde passou, são fundamentais para se compreender o processo de construção do seu arquivo pessoal.

O conhecimento prévio da biografia do produtor do arquivo é importante, pois ajuda a mapear as atividades e funções desempenhadas, o que permitirá melhor compreensão da produção de documentos para a elaboração da organização e disseminação das informações em arquivos pessoais (SILVA, 2015, p. 186).

Nesse capítulo apresentaremos uma breve biografia sobre Estela Kaufman, procurando enfatizar a sua atuação enquanto profissional da educação matemática, as relações estabelecidas com os demais pesquisadores da área e o crescimento do campo de pesquisa em educação matemática no Brasil, passando pela constituição de grupos de pesquisa e espaços de discussão sobre o tema.

A pesquisa nos documentos do arquivo pessoal foi o principal meio para obter informações sobre a trajetória de Estela Kaufman. Consultamos currículos, registros de participações em eventos, correspondência com familiares e amigos, entre outros documentos preservados no arquivo da matemática. O currículo da pesquisadora, cadastrado na Plataforma Lattes¹¹ também nos serviu como importante fonte, fornecendo-nos dados sobre sua trajetória profissional e produção acadêmica. Também consultamos fontes bibliográficas para obter informações sobre a matemática. Os trabalhos de Salvador (2012) e Nunes (2016) apresentam relatos sobre a trajetória profissional de Estela Kaufman e sua dedicação à atividade docente. Por fim, também fizemos uma seleção de textos que tratam sobre as pesquisas em educação matemática no Brasil na segunda metade do

¹¹ Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780068Y6>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

século XX, e como grupos de pesquisadores contribuíram com o fortalecimento desse campo de pesquisa.

Em um segundo momento neste capítulo, trataremos das etapas que levaram à institucionalização do arquivo pessoal de Estela Kaufman no MAST. Para compreender esse processo, buscamos construir a história desse arquivo, desde a fase de produção pela pesquisadora, até o ponto em que ele é percebido como relevante para as pesquisas em História da Ciência e recolhido pelo MAST.

Também constitui esse processo de institucionalização, a relação da família da produtora com os documentos do arquivo e as ações empreendidas pelas instituições em que a produtora manteve vínculo profissional. Para compreender como se deu a doação do arquivo pessoal de Estela Kaufman ao MAST, trabalhamos com informações coletadas por meio de roteiros de entrevista com pessoas envolvidas nesta ação.

2.1 Biografia

Estela Kaufman Fainguelernt nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 23 de julho de 1933, filha de um casal de imigrantes judeus que vieram para o Brasil refugiados após a Primeira Guerra Mundial. Durante sua formação no Ensino Fundamental e Médio estudou no Lycée Français do Rio de Janeiro, atual Liceu Franco Brasileiro. Assim como os irmãos mais velhos, que seguiram a carreira profissional nas ciências exatas, Estela Kaufman ingressou no curso de Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual UFRJ, e concluiu o curso em 1955. Nesse mesmo ano, casou-se com o engenheiro Israel Fainguelernt, com o qual teve dois filhos (SALVADOR, 2012).

Sua atuação profissional na docência teve início na década de 1960, quando lecionou para turmas do Colégio Pedro II. Nessa mesma década, ingressou na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, onde atuou em várias escolas, como fica demonstrado no Quadro 1 que apresentaremos mais adiante.

Sua carreira no magistério superior teve início na década de 1970, quando assumiu disciplinas no curso de licenciatura em Matemática na então Associação Universitária Santa Úrsula – AUSU, atual Universidade Santa Úrsula – USU. Sua trajetória na instituição foi bastante duradoura, passando pela atividade da docência e coordenação de cursos. Atuou durante 30 anos na instituição, trajetória profissional que lhe garantiu diversas parcerias com pesquisadores nacionais e com instituições de fora do Brasil.

O começo da carreira docente no ensino superior estimulou a continuação da formação profissional. Entre 1972 e 1977 Estela Kaufman foi aluna de cursos de especialização do Instituto de Matemática Aplicada – IMPA. Na UFRJ cursou Pós-Graduação na Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia – COPPE,

sendo o mestrado concluído em 1981 e o doutorado em 1996. As duas pesquisas trataram sobre o estudo da Geometria.

As primeiras décadas de atuação docente coincidiram com o momento em que os debates em torno da educação matemática, e da reformulação do currículo da disciplina, com adoção de uma linguagem moderna, ganhavam força em diversos países ocidentais. Segundo Salvador (2012), nas décadas de 1960 e 1970 houve um crescente número de pesquisadores interessados em pesquisar formas de lecionar a Matemática. O avanço das pesquisas nessa área resultou na criação de grupos de estudo sobre o tema em diversos estados do país. O período foi característico pelo crescimento das pesquisas nesse campo e pela influência recebida do Movimento da Matemática Moderna – MMM.

A dedicação de Estela Kaufman à pesquisa em educação matemática resultou no envolvimento na criação de grupos de pesquisa, de cursos de pós-graduação e participação ativa nos fóruns de discussão em diversos eventos pelo mundo. Seus mais de 50 anos de atividade docente foram dedicados ao trabalho em instituições de ensino no estado do Rio de Janeiro.

Mesmo com atuação na escola pública, foi nas universidades e escolas privadas que Estela Kaufman dedicou mais tempo da sua carreira como professora. Estela Kaufman atuou como professora, coordenadora pedagógica, coordenadora de curso, coordenadora de pós-graduação e diretora de institutos de grupos de pesquisa, em instituições como a Universidade Santa Úrsula, Colégio Santa Úrsula – CSU, Colégio Israelita Brasileiro A. Liessin, Universidade Estácio de Sá e Universidade Severino Sombra.

Ao longo de sua trajetória profissional, Estela Kaufman estabeleceu várias parcerias dentro do campo de pesquisa sobre educação matemática. Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, Ana Averbuch e Franca Cohen Gotlieb, são alguns nomes de cientistas que estão associados às atividades de pesquisa da matemática em questão. As pesquisadoras foram algumas das pioneiras na pesquisa em educação matemática no Brasil. Trata-se de cientistas que se tornaram colaboradoras junto com Estela Kaufman, tanto na publicação de artigos e livros, quanto em trabalhos de assessoria na coordenação de projetos e cursos.

Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, era professora do Departamento de Matemática da FNFi no período em que Estela Kaufman cursava a graduação. Foi uma pesquisadora de destaque, sendo uma das primeiras mulheres a ingressar na Academia Brasileira de Ciências e a primeira a alcançar o título de doutora em matemática no Brasil. Entre 1974 e 1979¹² as pesquisadoras foram colegas de trabalho na Escola Eliezer Steinberg Max

¹² Em 1969, com o decreto do Ato Institucional número 5, a professora Maria Laura foi aposentada compulsoriamente juntamente com outros professores da UFRJ. No período de exílio na França teve contato com pesquisadores do *Instituts de recherche sur l'enseignement des mathématiques* (IREM), fator que influenciou a criação de grupos de pesquisa em educação matemática no Rio de Janeiro. Em 1980, Maria Laura retornou à UFRJ tendo sido, inclusive, orientadora de Estela Kaufman durante o curso de mestrado na COPPE.

Nordau, instituição na qual Maria Laura assumiu o cargo de coordenadora vertical de Matemática (PEREIRA, 2010, p.110). A partir da experiência de trabalho nessa escola, o grupo de pesquisadores em educação matemática no estado do Rio de Janeiro começou a se consolidar.

Anna Averbuch fez parte de uma geração de pesquisadores anterior a de Estela Kaufman. Foi aluna de uma das primeiras turmas do curso de Matemática da Fnf e integrou o primeiro grupo de professores formados pela Universidade do Brasil a fazer estágio de aperfeiçoamento na Escola Normal de Sèvres. Com as experiências adquiridas fora do país, Anna Averbuch trouxe para o Rio de Janeiro metodologias de ensino inovadoras, que resultaram na criação de coordenações verticais de Matemática¹³, uma forma de organização dos programas de cada série evitando a fragmentação das propostas curriculares. A relação de Averbuch com Estela Kaufman teve início na década de 1950, durante o estágio supervisionado da última. Anos mais tarde, Averbuch convidou Estela Kaufman para assumir turmas no curso de Licenciatura em Matemática da USU (FAINGUELERNT; GOTTLIEB, 2013, p. 12-14).

Franca Cohen Gottlieb fez parte da mesma turma de graduação de Anna Averbuch e também foi uma das pioneiras dos estudos sobre educação matemática no Brasil. Franca Gottlieb foi uma grande parceira acadêmica de Estela Kaufman e também integrou o corpo docente do curso de Matemática da USU. Juntas publicaram uma série de trabalhos, como os Guias de estudo de Matemática, e diversas comunicações submetidas para eventos acadêmicos, como é possível constatar nas fichas de inscrição, resumos e textos presentes no arquivo pessoal de Estela Kaufman.

As quatro pesquisadoras contribuíram para o crescimento das pesquisas em educação matemática no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, e foram responsáveis pela formação de gerações de professores da disciplina.

A reunião de pesquisadores em torno do tema da educação matemática resultou na formação de grupos de pesquisa e na criação de entidades de classe. Salvador (2012, p. 33) afirma que o crescimento do campo de estudo possibilitou o surgimento de grupos de pesquisas em vários estados brasileiros. Maria Laura Mouzinho Leite Lopes aponta a influência do Movimento da Matemática Moderna na criação dos grupos de pesquisa sobre educação matemática no país, e destaca a atuação do “GEEM¹⁴, de São Paulo, que empreendeu a reciclagem dos professores pela abordagem do conteúdo e o GEEMPA¹⁵, de Porto Alegre, enfatizando a metodologia” (LOPES, 1994, p. 2).

O grupo do Rio de Janeiro foi criado inicialmente em 1970, no então Estado da

¹³ Anna Averbuch implantou a coordenação vertical na Escola Eliezer Steinberg Max Nordau e foi responsável por integrar Maria Laura Mouzinho ao corpo docente da instituição.

¹⁴ Grupo de Estudos do Ensino da Matemática.

¹⁵ Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre.

Guanabara. O Grupo de Estudos de Matemática do Estado da Guanabara – GEMEG não conseguiu desenvolver o programa proposto por falta de recursos financeiros (LOPES, 1994, p.2). A partir da experiência do GEMEG, foi criado em 1976 o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática – GEPEM, grupo responsável pela divulgação de vários trabalhos por meio de seus boletins, que são credenciados internacionalmente e publicados até os dias atuais (VILLELA, 2009, p.151).

O GEPEM chegou a ser sediado na USU e uma das principais contribuições foi a criação do primeiro Curso de Especialização e, posteriormente, de Mestrado em Educação Matemática no estado do Rio de Janeiro, e também do primeiro Instituto de Educação Matemática – IEM do país. Estela Kaufman participou da criação do GEPEM e coordenou o grupo no período de 1990-1996, também foi diretora do IEM, no qual estabeleceu várias parcerias com pesquisadores e instituições internacionais, e coordenou Mestrado em Educação Matemática. Tanto o IEM, quanto os cursos de pós-graduação tiveram como sede a Universidade Santa Úrsula.

Com a realização dos primeiros Encontros Nacionais de Educação Matemática – ENEM, passou-se a se discutir a necessidade de criação de uma instituição nacional que representasse os pesquisadores de todo o país (PEREIRA, 2010, p. 138). Nesse contexto, em janeiro de 1988 foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM, tendo Estela Kaufman como uma das sócias fundadoras, e diretora da Regional do Rio de Janeiro – SBEM-RJ por duas gestões.

Além da participação nos grupos de pesquisadores em educação matemática, Estela Kaufman teve participação relevante nos grupos de trabalho de planejamento das provas de vestibular do Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio – CESGRANRIO, onde também atuou como avaliadora na correção das provas discursivas de matemática (SALVADOR, 2012, p. 38).

Estela Kaufman também atuou em equipes de professores na elaboração de novos currículos escolares prestando serviços à Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro – SEEC. Segundo Villela (2009, p. 77), a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional – LDB nº 4.024/61 estabeleceu que cada estado brasileiro teria autonomia para elaboração da sua proposta curricular. Anos mais tarde, com a publicação da LDB nº 5.692/71, os governos estaduais tomaram iniciativas neste sentido. Diante disto, em 1975, o estado do Rio de Janeiro iniciou a elaboração do Guia Curricular através dos trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Reformulação de Currículos. Também fizeram parte da equipe as matemáticas Maria Laura Mouzinho, Ana Averbuch e Franca Gottlieb.

Salvador (2012) destaca a participação de Estela Kaufman nesta equipe.

Cabe ressaltar o seu trabalho na Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro (SEEC), no chamado Laboratório de Currículos, onde foi membro da equipe autora do Projeto de Reformulação de Currículos [...]. Foi membro da equipe responsável pelos subsídios para Conteúdos Programáticos de Matemática e da equipe que elaborou a “Proposta Curricular, de Matemática” das fases para o ensino Supletivo. Na ocasião, participou de vários dos então chamados “treinamentos” de professores da rede estadual de ensino (p. 38).

A reflexão sobre a trajetória acadêmica e profissional de Estela Kaufman nos motivou a procurar compreender o contexto histórico vivenciado pela mesma. Em pesquisa bibliográfica encontramos algumas publicações que nos ajudaram a compreender a constituição de grupos de pesquisadores, e o que influenciou a pesquisa em educação matemática no Brasil na segunda metade do século XX.

Além das publicações de Salvador (2012 e 2013), que tratam diretamente sobre a atividade científica de Estela Kaufman, destacamos os textos de LOPES (1994); VALENTE (2008); VILLELA (2009); FERREIRA (2009); PEREIRA (2010); FAINGUELERNT e GOTTLIEB (2013); FERREIRA DA COSTA (2014); ALVES e SILVEIRA (2016), que apresentam discussões sobre a modificação do ensino da Matemática no Brasil e quais influências foram determinantes para essas mudanças. Os trabalhos são frutos do campo de pesquisa sobre a história da educação matemática no Brasil.

O grupo de pesquisadores, com os quais Estela Kaufman construiu relações profissionais, recebeu influência das perspectivas apresentadas pelo Movimento da Matemática Moderna. O contato com as novas concepções sobre o estudo da disciplina ocorreu, principalmente, por meio da formação em cursos realizados no exterior. Com o advento da Ditadura Militar no Brasil, vários pesquisadores brasileiros buscaram refúgio em outros países, o que também contribuiu com a importação de novas ideias de pesquisa a partir da década de 1970.

A busca por novas concepções de ensino também estava presente em outras áreas de atuação. A pesquisa em Física no Brasil, por exemplo, também passou por essa busca de novas metodologias de ensino. Podemos citar Susana Lehrer de Souza Barros¹⁶ (1929-2011) como um dos nomes responsáveis por trazer a ideia de uma nova abordagem de ensino para a disciplina de Física no Brasil. A pesquisadora teve importante participação na comunidade científica brasileira no século XX e, a partir das experiências vivenciadas na década de 1960 nos projetos¹⁷ para alunos de minorias raciais nos Estados Unidos, trouxe para o Brasil novos olhares sobre o ensino de Física.

¹⁶ O arquivo pessoal da cientista também se encontra preservado no Arquivo de História da Ciência do MAST.

¹⁷ Susana Lehrer mudou-se para os Estados Unidos em 1964, juntamente com seu esposo, o físico Fernando Souza Barros. Nos EUA, a física atuou no Programa Upward Bound do Departamento de Educação americano. Trata-se de um programa de instrução acadêmica para que alunos de baixa renda tenham oportunidade de ingressar no ensino superior. Disponível em: <http://site.mast.br/hotsite_acervo_arquivistico/susana_barros.html>. Acesso em: 03 mar. 2020.

As modificações fizeram parte de uma nova ideia de ciência percebida a partir da segunda metade do século XX. A abordagem inovadora no ensino da Matemática dialogava com a linha de pensamento defendida por Jean Piaget, que buscava a construção de uma escola progressista, com renovações pedagógicas.

A Matemática devia ser viva, tanto no seu conteúdo como no seu ensino; ênfase especial foi colocada sobre a atividade do aluno para chegar à abstração dos conceitos matemáticos. Inovadores como Dienes, Nicole Picard e Papy desenvolveram uma pedagogia da ação e da descoberta. As bases dessas ações estavam nos trabalhos de J. Piaget sobre as estruturas da inteligência (LOPES, 1994, p.1).

A bibliografia indica que o MMM surgiu no período Pós Segunda Guerra nos Estados Unidos, graças às disputas decorrentes dos conflitos com a União Soviética no período da Guerra Fria (VALENTE, 2008, p. 597). Após o lançamento do satélite Sputnik pelos soviéticos, os EUA passam a buscar por reformulações no seu modelo de desenvolvimento tecnológico (ALVES; SILVEIRA, 2016, p.11).

No período do pós-guerra e ao longo dos anos 50, em muitos países da Europa e também em países desenvolvidos do outro lado do Atlântico, muito em particular nos Estados Unidos da América, começou a tomar corpo a ideia de que se tornava necessário e urgente uma reforma no ensino da Matemática. Na verdade, durante toda a década de 50, foram tendo lugar numerosas iniciativas e realizações, de natureza variada e com propósitos diversificados, que tinham em comum a intenção de modificar os currículos do ensino da Matemática visando a atualização dos temas matemáticos ensinados, bem como a introdução de novas reorganizações curriculares e de novos métodos de ensino. (GUIMARÃES, 2007, p. 21, Apud VALENTE, 2008, p. 584).

A partir daí tem início um debate sobre reformulação da forma de ensino da matemática. A disciplina ganharia uma linguagem moderna na forma de ensinar os conteúdos. Esse método de ensino passa a influenciar pesquisadores de países aliados ao modelo capitalista.

A preocupação dos políticos em encontrar meios de instrumentar a sociedade, após a Segunda Guerra Mundial, para o acelerado desenvolvimento tecnológico, cujo suporte é o conhecimento científico, determinou uma reformulação do ensino de Ciências em todos os níveis. Com esse objetivo, matemáticos e políticos reunidos na Convenção da OECE (Organização Europeia de Cooperação Econômica) de 1959, encontraram a solução: a reforma do ensino da Matemática da qual decorreria a do ensino científico, como desejavam os políticos. Tal reforma que passou a ser conhecida como da Matemática moderna, seria realizada mediante a reformulação dos currículos, com base nos conteúdos e apoiada nas ideias estruturalistas do grupo Bourbaki¹⁸ (LOPES, 1994, p. 1).

¹⁸ Pseudônimo de um coletivo de matemáticos franceses que publicaram uma série de livros sobre Matemática

Ao final da década de 1960, Estela Kaufman ingressou na SEEDUC e passou a lecionar no Colégio Estadual André Maurois. A escola teve um papel fundamental na inclusão dos debates sobre o MMM para a comunidade de professores. Segundo Salvador (2012), na instituição ocorreram diversos cursos ministrados pelo professor Arago de Carvalho Backx que passou um período na Bélgica aprimorando suas pesquisas em matemática com o professor Georges Papy¹⁹. Essa metodologia de trabalho estava diretamente relacionada com a forma de ensino apresentada pelo MMM.

Segundo Letícia Ferreira da Costa (2014, p. 7), as primeiras experiências do MMM em instituições de ensino no Brasil ocorreram na década de 1960 no estado de São Paulo, onde os pesquisadores matemáticos tinham forte influência norte-americana. Já em relação ao Rio de Janeiro, a autora aponta uma forte influência europeia, por meio da adoção dos métodos do matemático Papy. Em seu trabalho de mestrado a autora teve acesso ao acervo arquivístico do Colégio São Bento e percebeu que a linha pedagógica adotada pelos professores de matemática da instituição, a partir da década de 1970, relacionava-se com o método do matemático belga.

Estela Kaufman, em depoimento concedido a Marcelo Salvador, comentou sobre a influência do MMM em sua atividade docente. A matemática afirmou que quando teve contato com o método desenvolvido por George Papy, através dos cursos ministrados pelo professor Arago de Carvalho no Colégio Estadual André Maurois, logo se sentiu motivada a aplicar a metodologia em sala de aula (FAINGUELERNT, 2011, Apud, SALVADOR, 2012, p. 32). O estudo desenvolvido por Papy consistia em trabalhar com a construção de conjuntos numéricos a partir da Geometria. As pesquisas sobre Geometria se tornaram um marco na produção acadêmica de Estela Kaufman.

As experiências vivenciadas por Estela Kaufman no início da sua carreira foram determinantes para traçar o seu perfil enquanto professora e pesquisadora. Durante sua atuação profissional a matemática desenvolveu pesquisas que tinham como área de concentração o ensino de Geometria e a formação inicial e continuada de professores de Matemática. Os trabalhos abordavam o ensino da Matemática de maneira lúdica e possível de ser compreendida por qualquer aluno. Tais características remetem às influências que Estela Kaufman recebeu no início de sua atuação profissional.

A parceria acadêmica com pesquisadores de destaque no campo da educação matemática, e a participação nos principais espaços de discussão sobre o tema fizeram de Estela Kaufman um importante nome entre os educadores matemáticos brasileiros do século XX.

avançada moderna.

¹⁹ Matemático belga, que fundou em 1961, o Centro Belga de Psicologia da Matemática – CBPM, instituição formada por matemáticos e professores interessados em debater e modificação do currículo da disciplina na Bélgica (FERREIRA DA COSTA, 2014, p.20).

Figura 1 – Estela Kaufman apresentando comunicação em evento



Fonte: SALVADOR (2012)

Figura 2 – Estela Kaufman em participação em evento



Fonte: Arquivo Pessoal Estela Kaufman (Acervo MAST)

Após longos anos de atividade docente na Universidade Santa Úrsula, no início dos anos 2000, Estela Kaufman encerrou sua carreira instituição. Esse período marcou a sua entrada na Universidade Estácio de Sá – UNESA, instituição na qual teve participação relevante na coordenação dos cursos de licenciatura e do curso de Matemática, onde atuou por quase 10 anos. Na UNESA Estela Kaufman revisou o Projeto Pedagógico do curso de Matemática, revisou ementas e chegou a esboçar um projeto para criação de um programa de pós-graduação em educação matemática.

Também no início dos anos 2000, a convite de Lúcia Villela, a matemática ingressou na Universidade Severino Sombra – USS. Na USS desenvolveu vários projetos de pesquisa, sempre tendo a educação matemática como eixo central. Alguns projetos foram construídos através de parcerias firmadas entre a universidade, secretarias de educação e escolas da educação básica. Um dos projetos que mais se destacou foi o Laboratório de Construção do Saber Matemático – LACOSMAT, que funcionava como um espaço para as pesquisas de graduandos do curso de Matemática da USS, e para alunos da educação básica. Em 2008, graças ao projeto elaborado por Estela Kaufman, foi criado o Mestrado Profissional em Educação Matemática da USS.

Durante os anos 2000 a pesquisadora também atuou em outras universidades privadas no estado do Rio de Janeiro. Suas pesquisas no campo da educação e do ensino da Geometria resultaram em várias produções bibliográficas, como livros²⁰ e artigos em congressos da área. Estela Kaufman também realizou trabalhos de consultoria, assessoria e treinamento de professores. Desenvolveu pesquisas na área de formação de professores, do ensino da Geometria, sobre o diálogo da Matemática com a Arte e sobre a linguagem e representação matemática.

A pesquisa sobre o estudo da Matemática através da Arte resultou na publicação de três livros em parceria com Katia Regina Ashton Nunes, sendo eles: *Fazendo arte com a matemática* (2005); *Tecendo matemática com arte* (2009); e *Descobrimos matemática na arte* (2010). As publicações relacionam os conteúdos de geometria com as obras de artistas plásticos e também apresentam sugestões de atividades a serem aplicadas com alunos do ensino básico. Os trabalhos demonstram a alternativa pedagógica escolhida por Estela Kaufman em sua atuação docente, que foi estabelecer de maneira lúdica a aproximação do aluno com o conteúdo matemático.

Em texto publicado no *Boletim* nº 68 do GEPEM, Kátia Nunes explica que “O trabalho com Matemática e Arte possibilita uma grande integração e significação na aprendizagem, propiciando uma efetiva participação dos alunos na sala de aula” (NU.NES, 2016, p. 87).

Estela Kaufman esteve em atuação até 2014, momento em que se afastou da

²⁰ Nunes (2016) destaca a Coleção *Trabalhando com a Geometria*, publicada pela editora Ática, em 1989, como uma das principais obras de Estela Kaufman.

atividade profissional na USS por motivos de saúde. Estela Kaufman Fainguelernt passou um longo período hospitalizada, veio a falecer em 5 de dezembro de 2015, na cidade do Rio de Janeiro aos 82 anos.

2.2 Institucionalização do arquivo Estela Kaufman

Como ficou demonstrado até aqui, a matemática Estela Kaufman se dedicou por muitos anos à atividade docente no ensino básico e na formação de professores. Os anos de atividade profissional resultaram na acumulação de um arquivo pessoal que conta com documentos sobre a atuação da professora nas instituições de ensino, nos trabalhos de assessoria e na participação em eventos da área. A reunião desses documentos não só representa a trajetória pessoal de Estela Kaufman, mas também a atividade de grupos de cientistas, o crescimento das pesquisas em determinada área e parte da história das instituições onde a produtora do arquivo exerceu funções.

Entender o processo de institucionalização de um arquivo pessoal é um exercício de compreensão de como os documentos criados no ambiente privado passam a representar uma memória coletiva²¹. São registros que, enquanto estavam restritos à intimidade da produtora do arquivo, atendiam às necessidades pessoais da mesma, mas a partir do momento que passam para a custódia de uma instituição, tais documentos são vistos de maneira distinta.

O tornar-se público tira os documentos pessoais da esfera privada, da intimidade de seu criador e coloca esse material antes restrito para o espaço onde todos podem circular e consultar e, evidentemente, para o espaço da crítica pública [...] consolida o papel do mesmo nas diferentes memórias sociais acerca de determinados personagens, além de contribuir para o desenvolvimento da ciência, da cultura e das artes (TROTТА, 2016, p.50).

Em artigo publicado pela revista *Arquivo & Administração*, Oliveira (2013) afirma que a preocupação com a perda de legados históricos no período que sucedeu a Segunda Guerra, levou a sociedade a refletir sobre formas de preservar documentos de relevância histórica produzidos na esfera privada. Uma das alternativas encontradas foi a institucionalização em bibliotecas, museus, arquivos de sociedades históricas, universidades, centros de documentação e instituições arquivísticas (OLIVEIRA, 2013, p. 33).

Como mencionamos anteriormente neste trabalho, o Arquivo de História da Ciência

²¹ Conceito criado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), no qual se inserem as memórias compartilhadas por um mesmo grupo de pessoas com base na interação social.

do MAST se tornou referência no que diz respeito ao tratamento de arquivos pessoais de cientistas. Devido ao trabalho desempenhado ao longo de anos, a instituição é procurada tanto por familiares de cientistas, como pelos próprios, a fim de formalizar a doação dos seus documentos pessoais, para que sejam tratados, preservados e consultados como fonte de pesquisa.

A institucionalização, portanto, é um meio que possibilita a circularidade do arquivo/ e a sua abertura para as várias narrativas que se podem construir a partir dos seus usos pela sociedade. Ela é um processo que permite o arquivo estar acessível para múltiplos olhares, o que leva a construção de uma variedade de trabalhos sobre o material em questão (TROTТА, 2016, p. 51).

Antes de nos dedicarmos aos detalhes que envolveram a institucionalização do arquivo pessoal de Estela Kaufman no MAST, queremos enfatizar a metodologia que adotamos para obter as informações sobre o processo.

Inicialmente fizemos uma pesquisa no arquivo institucional do MAST, no qual constam os documentos sobre a doação do arquivo pessoal de Estela Kaufman Fainguelernt. Consultamos relatórios de acompanhamento e recolhimento do arquivo, o parecer sobre a aquisição do arquivo e o termo de doação do arquivo.

Após a pesquisa documental, entrevistamos pessoas que estiveram envolvidas durante as etapas de doação do arquivo ao MAST. Ao longo do texto, mencionaremos as informações que nos foram concedidas em resposta às questões dos roteiros de entrevista (Apêndice A e B).

Definimos duas pessoas para aplicação dos roteiros e elaboramos questões específicas para cada entrevistado. Nossa primeira escolha foi aplicar o roteiro com o historiador Everaldo Pereira Frade, que é tecnologista do Arquivo de História da Ciência e quem manteve contato com os familiares de Estela Kaufman durante todo o processo de doação do arquivo ao MAST. O servidor também é coordenador do projeto de organização do arquivo da matemática.

O segundo entrevistado seria o professor Marcelo Ferreira Martins Salvador, que trabalhou com os documentos pessoais de Estela Kaufman em sua pesquisa de mestrado. Chegamos a estabelecer contato com o professor, que na impossibilidade de nos receber, colocou-nos em contato com Lúcia Maria Aversa Villela.

Lúcia Villela é professora de Matemática aposentada. Na década de 1990, foi coorientada por Estela Kaufman no Mestrado em Educação Matemática da Universidade Santa Úrsula. Anos mais tarde, foi a responsável pela entrada de Estela Kaufman no quadro de professores da Universidade Severino Sombra. Na USS desenvolveu pesquisas sobre história da educação matemática, tendo sido coordenadora do Laboratório de Pesquisa em

História da Educação Matemática – LAPHEM.

De acordo com a pesquisa documental e com o relato do servidor do AHC, verificamos que o processo de doação do arquivo de Estela Kaufman teve início em abril de 2015, com uma visita de Daniel Fainguelernt, filho da produtora, ao MAST. Nesse momento de contato inicial foi exposto o interesse de doação da documentação pessoal da matemática.

A negociação para o recolhimento do arquivo pessoal de Estela Kaufman ao MAST se deu em um período que a instituição estava recebendo arquivos de professores atuantes nas pesquisas sobre ensino das disciplinas das ciências exatas. O MAST já havia recebido o arquivo pessoal de Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, que visitou a instituição pessoalmente manifestando o interesse em doar seus documentos. As matemáticas mantinham relação com pesquisadores matemáticos interessados na preservação da memória da educação matemática por meio do tratamento de acervos arquivísticos. Essa rede de pesquisadores possibilitou que esses arquivos pessoais fossem recolhidos ao AHC.

Após o primeiro contato, a Coordenação de Documentação e Arquivo do MAST manifestou interesse em recolher o arquivo da matemática à instituição, e ainda no mesmo mês, foi realizada uma visita à residência de professora, local onde a documentação estava reunida, para elaboração de um parecer técnico sobre aquisição do arquivo. Na ocasião, Estela Kaufman se encontrava hospitalizada em estado de coma, e toda negociação sobre a doação do arquivo foi feita diretamente com os seus filhos.

Em visita à residência da produtora, a equipe do AHC verificou que o arquivo era composto por documentos que refletiam os anos de dedicação à atividade profissional da pesquisadora e que eram relevantes para as pesquisas realizadas no âmbito do AHC. Os documentos estavam distribuídos em pastas identificadas pelo ano e instituição que Estela Kaufman atuava. Eram, em sua maioria, textos e exercícios aplicados em sala de aula, como também parte dos registros de participação e organização de eventos. A documentação estava em bom estado de conservação e mantinha o ordenamento feito pela produtora.

Na ocasião da visita a residência, foi comunicado aos servidores do AHC que o arquivo não estava em sua totalidade no local. Parte da documentação se encontrava na USS, no município de Vassouras-RJ. Ao tomar conhecimento da situação, a equipe do AHC agendou uma visita ao Departamento de Matemática da universidade. Em junho de 2015 foi realizada uma reunião com Lúcia Villela, então coordenadora do Mestrado Profissional em Educação Matemática da USS. Essa parcela do arquivo estava acondicionada no LAPHEM e, segundo Lúcia Villela, teria sido doado por Estela Kaufman, sem ter sido, no entanto, firmado um termo de doação.

Como já mencionado, antes se afastar da atividade profissional, Estela Kaufman

atuava no curso de Matemática da USS. Ocorreu que em 2012, Marcelo Salvador, então aluno do Mestrado Profissional em Educação Matemática da USS e orientando da professora Lúcia Villela, realizava uma pesquisa sobre a atividade profissional de Estela Kaufman. No desenvolvimento da pesquisa, Salvador visitou a residência da professora algumas vezes, e desses encontros surgiu a ideia de organização do arquivo pessoal da mesma.

Em entrevista, a professora Lúcia Villela afirmou que a doação foi realizada de maneira informal, espontânea, e que o trabalho de organização dos documentos foi realizado pela secretária pessoal da professora Estela Kaufman, pela própria Lúcia Villela e por Marcelo Salvador. O arquivo chegou de forma desordenada na USS, coube à equipe ordenar a documentação, identificar, criar uma numeração e uma breve descrição sobre o assunto do documento. Os documentos não chegaram a ser classificados durante a organização. Vale salientar que o grupo era formado por matemáticos e que o interesse principal era a preservação das informações presentes no arquivo pessoal. Os profissionais envolvidos no trabalho de organização não dominavam os princípios arquivísticos para o tratamento documental. O trabalho da equipe contou com o suporte do LAPHEM da USS, no que se refere à aquisição de materiais, por meio de verbas conseguidas em editais para execução de projetos.

O LAPHEM foi criado em 2011, era coordenado pela professora Lúcia Villela, e tinha como objetivo oferecer à comunidade acadêmica da USS a perspectiva das pesquisas em história da educação matemática no Brasil. Segundo Salvador (2012), o arquivo pessoal de Estela Kaufman estava “gentilmente sendo cedido” ao laboratório da universidade e que o acesso à documentação do arquivo seria útil aos pesquisadores da área (SALVADOR, 2012, p. 8). O autor também afirma que além do arquivo de Estela Kaufman, outros documentos estavam sendo doados ao LAPHEM, e cita a iniciativa da matemática Noelir de Carvalho Bordinhão de doar uma coleção de revistas da década de 1970, sobre tópicos da disciplina de Matemática para vestibulares (SALVADOR, 2012, p.45). Noelir Bordinhão era colega de trabalho de Estela Kaufman e uma colaboradora nas publicações acadêmicas. A parceria resultou na publicação do livro *Álgebra Linear e Geometria Analítica* em 1980.

A visita técnica da equipe do MAST ao LAPHEM verificou que a documentação recolhida ao laboratório se tratava de registros sobre a atividade docente de Estela Kaufman e que os documentos eram bastante consultados pelos alunos da universidade. Nessa reunião também veio a conhecimento que o Mestrado Profissional em Educação Matemática estava em vias de ser desfeito e o destino dos documentos que se encontravam no LAPHEM era incerto.

Inicialmente a equipe do AHC acreditou que a parcela do arquivo recolhido na USS se tratava apenas de documentos produzidos durante os anos de atividade de Estela

Kaufman na instituição. Durante o tratamento documental realizado no MAST foi percebido que esta parte do arquivo contava com documentos produzidos no início da carreira docente da produtora, com um material diverso sobre a participação em eventos e com registros da atuação da matemática no chamado Laboratório de Currículos da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Essas informações foram essenciais para compreensão da trajetória acadêmica da matemática.

A equipe que realizava pesquisas no LAPHEM representa um grupo de matemáticos interessados na história das formas de ensinar a matemática e das atividades desempenhadas em sala de aula. Esse grupo de pesquisadores é influenciado pelos estudos da nova história cultural e pela forma que a historiografia tem enxergado os arquivos pessoais. O grupo entende os arquivos pessoais de professores como fonte singular para compreensão da história da educação matemática no Brasil.

Na tese de doutorado de Lúcia Vilela é relatada a experiência de pesquisa que a autora vivenciou com os arquivos pessoais no Grupo de História da Educação Matemática – GHEMAT²². Trata-se de um grupo de abrangência nacional, que é sediado em São Paulo, e se dedica à pesquisa em história da educação matemática por meio do acesso aos documentos de arquivos pessoais de professores da disciplina. O grupo também conta com apoio da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que disponibiliza seu Repositório Institucional²³ para que publicações de interesse dos membros do grupo sejam divulgadas no espaço. Durante a entrevista, Lúcia Vilela chegou a comentar que um dos objetivos no projeto de organização do arquivo de Estela Kaufman na USS era digitalizar a documentação e disponibilizá-la para pesquisa no referido Repositório. A bibliografia consultada não apresenta mais detalhes sobre a atuação do GEHMAT.

Tanto no relatório elaborado pela equipe do MAST, após a reunião na USS, como na entrevista realizada com Lúcia Vilela, foi mencionado que o desejo de Estela Kaufman era que seus documentos permanecessem com o grupo de pesquisadores em educação matemática. Mesmo assim, não houve uma doação formal por parte da produtora.

Ao perguntarmos se houve alguma seleção por parte da produtora no momento da doação à USS, Lúcia Vilela respondeu que Estela Kaufman não selecionou quais documentos seriam doados para a universidade, nem acompanhou de perto as etapas de organização. Ela apenas “abriu os armários” e deu acesso à documentação. Porém, foi informado que a matemática contava com uma secretária pessoal que auxiliava na catalogação dos seus documentos e livros, o que pode se configurar como um tipo de organização prévia do arquivo pessoal.

A entrevistada também mencionou que na impossibilidade da documentação

²² Disponível em: <<https://www.ghemat.com.br/institucional>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

²³ Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

permanecer sob guarda do LAPHEM, uma das alternativas apresentada por Estela Kaufman era a doação para o Laboratório de Educação Matemática – LABEM²⁴ da Universidade Federal Fluminense – UFF. O LABEM realiza atividades junto à Faculdade de Educação da UFF e trabalha com projetos e produções em torno do tema da educação matemática. Um dos responsáveis pelo LABEM é o professor Bruno Dassie, ex-orientando de Estela Kaufman.

Até o momento da visita ao laboratório da USS, a equipe do AHC não tinha uma opinião formada sobre a união das duas partes do arquivo no MAST. O fator determinante para a união das duas partes do arquivo no MAST foi a decisão dos filhos da produtora. Uma vez que não houve formalização da doação, coube aos herdeiros da produtora do arquivo decidir sobre o destino que da documentação.

Durante a entrevista com o servidor Everaldo Frade, procuramos entender qual o posicionamento adotado pelo AHC, em relação à união das partes do arquivo. A afirmação foi de que o arquivo estava temporariamente separado, mas por se tratar da produção documental de uma mesma pessoa, era preferível que a documentação estivesse reunida em um único local. Também foi ressaltado que a Universidade Severino Sombra não tinha condições de prosseguir com o tratamento da documentação, pois as atividades no curso de Graduação em Matemática e na Pós-Graduação em Educação Matemática estavam sendo encerradas, o que resultaria no fim dos projetos de pesquisa desenvolvidos até então.

A preocupação com a fragmentação do fundo é uma questão pertinente, pois a ausência de informação sobre a divisão de um conjunto documental pode ocasionar problemas futuros para quem pesquisar o arquivo.

Muitas vezes há uma dispersão do material acumulado pelo titular entre seu cônjuge, descendentes ou outros, envolvendo até disputas acerca dos "legítimos" herdeiros. Isso leva ao fracionamento dos fundos, e até a doações de parcelas para instituições diferentes. Tais instituições podem não ser comunicadas de tal fracionamento. Quando sabem do fato, podem não ter interesse em explicitá-lo exatamente para não terem de dividir o capital adquirido. Tal situação, além de gerar a perda irreversível da organicidade original do conjunto, acarreta problemas para o pesquisador que equivocadamente tomar uma parte pelo todo (HEYMANN, 1997, p. 49).

O processo para aquisição do arquivo continuou em andamento no MAST, sendo levado para avaliação da Comissão Permanente de Aquisição e Descarte de Acervo – COPAD. Após aprovação da comissão, a equipe do AHC agendou o recolhimento do acervo na residência. A transferência do arquivo de Estela Kaufman para as dependências do MAST foi realizada em agosto de 2015. Já os documentos oriundos do laboratório da USS

²⁴ No relatório da reunião dos membros do AHC com Lúcia Villela, a possibilidade da transferência da documentação para o LABEM também é mencionada.

foram transferidos para o MAST em outubro do mesmo ano. Os documentos foram distribuídos em 115 caixas – padrão do MAST – o que equivale a aproximadamente 14,95 metros lineares. Vale salientar que após a identificação dos documentos e a separação de acordo com as atividades da exercidas pela produtora, o número de caixas aumentou para 123, como mencionado no início deste trabalho.

Finalizado o processo de negociação, em julho de 2016, o AHC organizou um evento para firmar o termo de doação do arquivo. Estiveram presentes no evento os dois filhos da matemática, a professora Lúcia Villela, e outros parceiros profissionais de Estela Kaufman. A família firmou um acordo com a equipe da Coordenação de Documentação e Arquivo, disponibilizando-se a contratar um profissional para realizar o tratamento da documentação, para que o arquivo estivesse organizado o quanto antes. Os trabalhos iniciaram em fevereiro de 2017, tendo como objetivo inicial a organização dos documentos recolhidos na residência da matemática.

Após identificarmos os documentos das 64 caixas provenientes da residência da produtora, tivemos a clareza de que existiam hiatos em relação à trajetória profissional da produtora. Os documentos não transpareciam o período extenso das atividades que Estela Kaufman vivenciou. Diante disto, o projeto de organização foi prorrogado por mais um ano, e iniciamos então a fase de identificação dos documentos vindos da USS. Esses documentos já tinham sido separados em dossiês e contavam com uma pequena descrição. No entanto, não tinham sido classificados pela equipe do LAPHEM. A professora Lúcia Villela chegou a afirmar durante a entrevista que o trabalho de organização estava em andamento quando o arquivo precisou ser transferido para o MAST. Ela também ressaltou que o trabalho realizado no laboratório não contava com uma estrutura fornecida pela USS, as iniciativas eram dos próprios profissionais envolvidos nas etapas de tratamento do arquivo.

Durante nossa atuação no projeto de organização do arquivo foi possível ordenar os documentos, identificar e elaborar uma proposta de plano de classificação para o arquivo. O contato com as tipologias, e a percepção da diversidade presente no arquivo de um docente, resultou na pesquisa que estamos desenvolvendo neste trabalho.

Observando as etapas referentes à doação do arquivo Estela Kaufman, fica perceptível a ausência de um planejamento prévio, por parte da produtora, sobre o futuro da sua documentação pessoal. No entanto o grupo de pesquisadores, do qual a cientista fazia parte, enxergava a importância da preservação dos registros da sua trajetória profissional e a necessidade de perpetuação da obra da pesquisadora.

Embora sejam muitas as razões possíveis que levam os proprietários do acervo a doá-lo, pode-se afirmar que dois dos principais motivos é a perpetuação da obra do titular e também uma possível entrada dele para uma espécie de memória social (TROTTA, 2016, p. 51).

A ausência de um documento comprobatório da doação ao laboratório da USS deu aos herdeiros da produtora o poder de decisão sobre o destino final do arquivo. Quando se trata de arquivos pessoais é comum que a responsabilidade sobre o futuro da documentação recaia sobre os herdeiros do produtor e/ou pessoas próximas do mesmo.

Ao ganhar espaço nas instituições de custódia, o arquivo pessoal passa a ocupar um lugar representativo para a comunidade a que se refere. “A decisão de preservação dos documentos ocorre devido ao reconhecimento por parte da sociedade do papel social do titular do acervo e de que eles podem ser um símbolo da trajetória de uma coletividade” (TROTTA, 2016, p. 53).

Durante a entrevista, a professora Lúcia Villela mencionou que o arquivo pessoal de Estela Kaufman estava aberto à consulta e que o arquivo era muito significativo para a comunidade de alunos do curso de Matemática da USS. Principalmente para os pesquisadores em história da educação matemática, que enxergavam nesses registros a riqueza de informações sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula ao longo dos anos.

Luciana Heymann (1997, p. 61) afirma que a documentação de um arquivo pessoal, que inicialmente foi acumulada com intenção comprobatória e funcional, pode adquirir o estatuto de patrimônio pessoal que precisa ser perpetuado e divulgado.

Neste processo são feitas seleções e rearranjos no conjunto documental, que ganha novos sentidos. A estes agregam-se ainda, arbitrariamente, outros sentidos, impostos pela intervenção dos secretários, herdeiros e, finalmente, do documentalista (HEYMANN, 1997, p. 62).

Mesmo com valor significativo para uma parcela da comunidade acadêmica da USS, a instituição não manifestava interesse em investir em pesquisas nesse sentido, até mesmo por se tratar de uma universidade privada onde a execução de projetos de pesquisa encontra outros obstáculos. As iniciativas de organização do arquivo partiam da motivação pessoal de Lúcia Villela e sua equipe de pesquisadores. Pouco tempo após o falecimento de Estela Kaufman, vários professores com alta titulação foram demitidos da instituição e o programa de pós-graduação foi descredenciado.

Na entrevista questionamos se em algum momento houve a intenção de reunir integralmente o arquivo de Estela Kaufman na instituição e a resposta foi negativa. A falta de estrutura e de apoio institucional não tornava essa escolha viável. O enfraquecimento das pesquisas na instituição foi um dos motivos para que o arquivo da matemática não fosse reunido integralmente na universidade de Vassouras, e colaborou para a decisão dos familiares em reunir o arquivo em sua totalidade no MAST.

CAPÍTULO 3: MAPEAMENTO DAS SUBATIVIDADES DOCENTES DE ESTELA KAUFMAN

Neste capítulo apresentaremos a metodologia desenvolvida no mapeamento da produção documental da atividade docente de Estela Kaufman em seu arquivo pessoal. Os documentos produzidos por um professor apresentam registros que nos auxiliam na compreensão das atividades desempenhadas no decorrer de sua atuação profissional e oferecem elementos sobre a história das instituições de ensino.

Os documentos provenientes da atividade docente de Estela Kaufman são diversos e refletem o longo período de dedicação da matemática ao magistério. Durante sua carreira a produtora atuou em muitas instituições de ensino, como ficará demonstrado nas informações que apresentaremos mais adiante no Quadro 1. As experiências de trabalho em várias instituições resultaram na acumulação de um material informativo sobre o ensino da Matemática na educação básica e nos cursos de formação de professores.

A matemática assumiu diversos cargos de coordenações nas instituições de ensino por onde passou e teve uma atuação significativa na direção de associações e grupos de pesquisa em educação matemática. No entanto, nossa pesquisa optou por mapear os documentos produzidos a partir das atividades decorrentes da docência, uma vez que esses se apresentavam como um desafio em termos de identificação tipológica, pois eram diferentes dos documentos tradicionalmente tratados pela Arquivologia. Os principais trabalhos desenvolvidos pela produtora estavam sempre relacionados com o ensino da Matemática e a formação de professores. A sala de aula se configurava como um laboratório de pesquisa para Estela Kaufman.

Compreendemos o laboratório de pesquisa como um lugar onde “a ciência se elabora, se transforma, trabalha, manipula-se” (WELFELÉ, 2004, p.67). É nesse espaço que os cientistas desenvolvem sua atividade, independente de qual seja o objeto de investigação a ser perseguido. Assim como sugere Paulo Elian dos Santos:

O laboratório é o lugar de formulação das hipóteses, das experimentações, dos sucessos, dos fracassos e da produção de um determinado conhecimento. O laboratório é o lugar da vida científica e faço essa afirmação sem prejuízo das outras funções e dos outros “lugares” onde atuam os cientistas (SANTOS, 2012, p.38).

As produções científicas de Estela Kaufman eram resultados das experiências vivenciadas na atividade docente. O objeto de pesquisa da matemática, era o ensino da disciplina, bem como a interação dos alunos com esses conteúdos e os métodos de ensino e aprendizagem.

Antes de iniciarmos o mapeamento das subatividades docentes de Estela Kaufman,

apresentaremos um quadro da sua trajetória profissional nas instituições, dando ênfase ao período de permanência em cada uma delas, as disciplinas e conteúdos ministrados.

QUADRO 1 – Trajetória docente de Estela Kaufman

Período	Instituição de atuação	Disciplina/Conteúdo
1967	Colégio Pedro II	Não identificado
1968-1979	Colégio Estadual André Maurois	Aritmética; Álgebra; Geometria
1971-2001	Universidade Santa Úrsula	Topologia; Variáveis Complexas; Introdução à análise; Aritmética; Álgebra II; Análise Matemática; Geometria; Funções Trigonométricas; Álgebra Linear; Números Complexos; Fundamentos da Matemática III; Metodologia do Ensino da Matemática; Matemática VII; Transformações Geométricas do Plano; Didática Geral; Tópicos de Análise; Lógica Matemática
1971	Colégio Orlando Roças	Geometria
1974-1984	Colégio Israelita A. Liessin	Geometria; Álgebra; Aritmética
1974-2003	Escola Eliezer Steinberg Max Nordau	Geometria; Álgebra
1975-1979	Instituto de Educação	Geometria; Álgebra
1979	Colégio Estadual México	Não identificado
1979	Colégio Carmela Dutra	Não identificado
1980	Colégio Estadual Amaro Cavalcanti	Não identificado
1981-1986	Centro Educacional Jacobina	Geometria; Álgebra
1986-1988	Colégio Estadual Ignácio Azevedo de Amaral	Álgebra
2000-2003	Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro – UniverCidade	Matemática I
2000-2001	Universidade Santa Dorotéia	Geometria; Álgebra Linear
2001-2010	Universidade Estácio de Sá	Geometria; Matemática I; Lógica Matemática; Teoria dos números; Matemática Discreta; Números Complexos; Cálculo Vetorial; História da Matemática; Variáveis Complexas; Álgebra Linear
2002-2014	Universidade Severino Sombra	Geometria; Números Complexos; Ideias Fundamentais da Matemática; Variáveis Complexas; Análise Matemática; Álgebra I; Álgebra Linear; Introdução ao Cálculo; Centro de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática
2005-2007	Fundação André de Arcoverde	Geometria Euclidiana
2009-2011	Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO	Fundamentos da Geometria; Núcleo de Atividades Integradas; Análise Matemática; Álgebra Linear

Fonte: Elaboração própria, baseada no Arquivo Estela Kaufman (Acervo MAST);

Conforme observado no Quadro 1, os trabalhos em Geometria e Álgebra foram predominantes na atividade docente de Estela Kaufman. Nas universidades, a professora trabalhou com conteúdos específicos e com disciplinas especiais voltadas para a pesquisa em educação matemática. Em algumas instituições não foi possível especificar quais os conteúdos ministrados. Nesses casos, os dossiês apresentavam apenas os documentos sobre o vínculo empregatício da produtora com a instituição.

A predominância de alguns conteúdos no desempenho da docência resultou na acumulação de documentos semelhantes. Sendo assim, fazia-se necessário mapear as atividades desempenhadas pela produtora do arquivo para compreender a produção desses documentos. A identificação e nomeação das espécies e tipos documentais também só foram possíveis a partir do conhecimento das atividades exercidas por meio da docência.

No contexto de uma instituição, o trabalho do professor pode ser desempenhado em diversas áreas que não sejam necessariamente a atuação em sala de aula. O resultado desse trabalho produz variados documentos, como bem ressalta Campos (2014, p.19):

Ao longo de suas carreiras [...] os professores acumulam extenso volume de documentos em seus gabinetes e laboratórios, relativos às aulas que ministram, aos cursos que propõem, às pesquisas que conduzem e aos alunos que orientam. Em paralelo às atividades de ensino e pesquisa, muitos docentes assumem cargos de gestão em diferentes níveis da administração universitária, o que também gera quantidade de documentos. Apontamentos de leitura, roteiros de aula, slides, cadernos de laboratório, cadernetas de campo, provas, projetos de pesquisa, relatórios, cartas, bilhetes...

Baseados na pesquisa de Campos (2014), trabalhamos com a atividade docente em nossa metodologia de uma forma ampla, compreendendo que esta atividade produz subatividades decorrentes, que são o detalhamento, o passo a passo da atuação do docente. O professor no exercício de sua atuação docente produz variados documentos que são provenientes das pequenas atividades cotidianas e que se configuram como etapa intermediária²⁵ do seu trabalho.

Segundo Silva, “a documentação intermediária refere-se àquela produzida nas etapas e atividades intermediárias da pesquisa, ao passo a passo de um processo, antes das produções dos resultados finais ou parciais” (2007, p. 84).

Faz-se necessário então, o mapeamento da produção documental docente para compreensão do exercício dessa atividade, pois, “a mera coleção dos resultados finais da pesquisa, representados por livros, artigos, teses e dissertações [...] não bastam para flagrar

²⁵ Silva (2007, p. 27) aponta que a preservação dos registros produzidos na etapa intermediária é incerta, pois os cientistas, de um modo geral, preservam apenas o produto final da pesquisa.

a docência e a investigação científica em se fazendo” (CAMPOS; BEZERRA, 2015, p. 238).

Na pesquisa nos arquivos pessoais de professores da USP Campos procurou respostas sobre o destino da documentação produzida pelos docentes após a aposentadoria ou falecimento dos mesmos. Para isso, o autor realizou visitas em unidades que custodiam os arquivos pessoais dos servidores da universidade. No decorrer do trabalho de campo houve a necessidade de realizar um levantamento do conteúdo dos conjuntos documentais encontrados. Esse levantamento também identificou as principais ações dos professores no contexto de sua atuação e considerou a docência e pesquisa como atividades articuladas e desenvolvidas em um mesmo plano (CAMPOS, 2014, p. 73).

O mapeamento realizado nesses arquivos identificou quatro grandes atividades desempenhadas pelos docentes no exercício de sua função profissional, são elas: docência/pesquisa, gestão, identificação e discência²⁶ (CAMPOS, 2014, p. 128).

As atividades de docência e pesquisa se desdobraram em 14 subatividades que estão demonstradas no Quadro 2. As subatividades são representativas das fases intermediárias da atuação dos professores, trata-se de uma produção documental que não chega a ser preservada nos arquivos das instituições de ensino.

Entre conceber a temática de determinado curso e ministrar a disciplina ao longo de um semestre letivo escondem-se estágios intermediários da prática docente que não se revelam aos olhos dos estudantes e dos administradores das instituições. Tampouco a malha de múltiplos envolvimento pessoais, institucionais e afetivos que se teve no desenrolar do complexo processo de ensino e aprendizagem se materializa nos documentos usualmente conservados nos arquivos institucionais (CAMPOS, 2014, p. 73).

Elaboramos o Quadro 2 com as subatividades da docência/pesquisa identificadas por Campos. As 14 subatividades listadas pelo autor são percebidas também no campo de atividade profissional de Estela Kaufman.

Também incluímos no quadro os tipos documentais que verificamos no material de apoio²⁷ – Arquivo Geral da USP (2014) – elaborado durante a execução do projeto “Por uma política de preservação da memória da docência e da pesquisa na USP”. O material de apoio apresentou um levantamento dos documentos e objetos verificados no mapeamento dos arquivos pessoais dos professores da universidade. No Quadro 2 listamos alguns documentos elencados no referido material e que também são percebidos no arquivo de Estela Kaufman. Citamos apenas alguns tipos documentais a título de exemplo sem a pretensão de criar um quadro extenso da produção documental.

²⁶ O autor descreve a discência como a atividade de “frequentar cursos de frequentar cursos de formação escolar ou acadêmica, cursos livres, de extensão universitária ou de atualização profissional” (CAMPOS, 2014, p. 128).

²⁷ *Lista de Termos Preferenciais (2014).*

Vale ressaltar que o quadro a seguir é de elaboração própria com dados coletados da dissertação de Campos (2014) e do projeto citado acima. A partir do modelo deste quadro, apresentaremos mais adiante o resultado do mapeamento das subatividades da docência de Estela Kaufman e a produção e o seu correlato documental.

QUADRO 2 – Quadro das subatividades e produção documental dos arquivos pessoais de professores da USP com correspondência no arquivo Estela Kaufman

SUBATIVIDADES DA DOCÊNCIA/PESQUISA REPRESENTADAS NOS ARQUIVOS DE PROFESSORES DA USP	EXEMPLOS DE ESPÉCIE/TIPOS DOCUMENTAIS PRESENTE NOS ARQUIVOS DE PROFESSORES DA USP E NO ARQUIVO ESTELA KAUFMAN
Propor disciplinas	Ementa
	Programa de curso
Assessorar conselhos, programas, comissões, órgãos de fomento, periódicos, etc.	Revista
Propor cursos, alterações em estrutura curricular ou organização de programas de pós-graduação.	Projeto Político-Pedagógico
	Currículo de curso
Orientar alunos de graduação e pós-graduação	Dissertação
	Trabalho de Conclusão de Curso
Participar (como avaliador ou candidato) em bancas de concurso	Programa de concurso
	Prova
Proferir palestras ou cursos em outras instituições	Certificado
	Diapositivo
Executar projeto de pesquisa	Projeto de pesquisa
	Relatório
Solicitar apoio à pesquisa	Solicitação de auxílio
Participar de congressos e reuniões científicas ou organizá-los;	Comunicação científica
	Relatório de prestação de contas
Vincular-se a associações científicas ou profissionais	Informativo
Manter correspondência profissional	<i>E-mail</i>
	Recibo de postagem
Publicar	Artigo
	Verbete
Prestar consultoria a instituições públicas ou privadas	Livro (boneca)
Receber prêmios e distinções	Diploma
	Placa

Fonte: Elaboração própria, baseado em: CAMPOS, 2014; ARQUIVO GERAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014.

As subatividades listadas no Quadro 2 são representativas das atividades exercidas por Estela Kaufman em sua trajetória profissional como professora e pesquisadora. No entanto, percebemos que parte da documentação produzida pela matemática não se enquadra no contexto das 14 subatividades identificadas por Campos (2014).

O arquivo de Estela Kaufman é rico em documentos produzidos para fins didáticos e de materiais de linguagem lúdica. Sua atuação docente foi caracterizada pela utilização e elaboração de materiais didáticos variados. A pesquisadora se valia de aspectos lúdicos na sua forma de ensinar matemática, o que ficou demonstrado nos documentos identificados durante o levantamento que realizamos. Uma vez que esses documentos não foram contemplados nas subatividades apresentadas, procuramos mapear quais as subatividades que representam o estágio intermediário da docência de Estela Kaufman e relacionar com a sua produção documental.

Pela experiência adquirida durante sua carreira como professora e pesquisadora, Estela Kaufman exerceu diversas funções externas às instituições de ensino em que estava vinculada. As atividades de assessoria, consultoria e avaliação em bancas de concurso, também foram exercidas pela matemática e produziram uma extensa lista de tipologias documentais. No entanto, nossa pesquisa optou por identificar os tipos documentais provenientes apenas do contexto de atividade docente nas instituições de ensino.

Diante de todas as ponderações sobre o Quadro 2, traçamos a metodologia adotada no mapeamento da atividade docente de Estela Kaufman. Para desenvolvimento da metodologia, consultamos os documentos produzidos em todas as instituições de ensino onde a matemática atuou. Buscamos mapear as atividades desenvolvidas nesses espaços, para então identificar quais tipologias foram geradas a partir destas.

Também foram realizadas consultas aos planos de classificação e tabelas de temporalidade de instituições de ensino superior e ao *Manual de gestão de documentos do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro* (2012). O manual foi considerado em nossa metodologia, pois a publicação apresenta um modelo de plano de classificação (Figura 3) com ênfase na identificação tipológica dos documentos.

A seguir, apresentaremos algumas figuras que demonstram os modelos de códigos de classificação dos documentos produzidos pelas atividades nas universidades. Procuramos compreender através desses manuais a produção de documentos no contexto do ensino superior e em quais atividades essa produção documental é classificada.

Na Figura 3 apresentamos a classificação adotada pelo Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo da Administração Pública Federal – SIGA para as Instituições Federais de Ensino Superior – IFES. O documento serve de instrumento técnico para as referidas instituições e o plano de classificação é subdividido em classes, subclasses e assuntos.

Figura 3 - Código de classificação de documentos de arquivo relativos às atividades–fim das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES

 <p>CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO RELATIVOS ÀS ATIVIDADES-FIM DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR - IFES</p> <p>CLASSE 100 – ENSINO SUPERIOR 110 – Normatização. Regulamentação 120 – Cursos de graduação (inclusive na modalidade a distância) 130 – Cursos de pós-graduação <i>stricto sensu</i> (inclusive na modalidade a distância) 140 – Cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> (inclusive na modalidade a distância) 150 – (vaga) 160 – (vaga) 170 – (vaga) 180 – (vaga) 190 – Outros assuntos referentes ao ensino superior</p> <p>CLASSE 200 – PESQUISA 210 – Normatização. Regulamentação 220 – Programas de pesquisa 230 – Projetos de pesquisa 240 – Iniciação científica 250 – Transferência e inovação tecnológica 260 – Ética em pesquisa 270 – (vaga) 280 – (vaga) 290 – Outros assuntos referentes à pesquisa</p> <p>CLASSE 300 – EXTENSÃO 310 – Normatização. Regulamentação 320 – Programas de extensão 330 – Projetos de extensão 340 – Cursos de extensão 350 – Eventos de extensão 360 – Prestação de serviço 370 – Difusão e divulgação da produção acadêmica 380 – Programa institucional de bolsas de extensão 390 – Outros assuntos referentes à extensão</p>	<p>CLASSE 400 – EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL 410 – Normatização. Regulamentação 420 – Educação infantil: creches e pré-escolar 430 – Ensino fundamental (inclusive Educação de Jovens e Adultos) 440 – Ensino médio (inclusive Educação de Jovens e Adultos) 450 – Ensino técnico 460 – (vaga) 470 – (vaga)</p> <hr/> <p>480 – (vaga) 490 – Outros assuntos referentes à educação básica e profissional</p> <p>CLASSE 500 – ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL 510 – Normatização. Regulamentação 520 – Programas, convênios e projetos de concessão de benefícios e auxílios aos alunos 530 – (vaga) 540 – (vaga) 550 – (vaga) 560 – (vaga) 570 – (vaga) 580 – (vaga) 590 – Outros assuntos referentes à assistência estudantil</p> <p>CLASSE 600 – (vaga)</p> <p>CLASSE 700 – (vaga)</p> <p>CLASSE 800 – (vaga)</p>
--	--

Fonte: Arquivo Nacional. Portaria nº 92, de 23 de setembro de 2011.

O *Manual de Gestão de documentos da Universidade de Brasília* (2015) também apresenta o mesmo modelo do Arquivo Nacional em seu plano de classificação, com exceção da Classe 400 – Educação básica e profissional e das classes 600, 700 e 800 (vagas) que não são contempladas.

Já no caso da Universidade Estadual Paulista – UNESP, o documento publicado não segue a subdivisão de classes e subclasses. O instrumento elaborado pela universidade enfatizou que:

Os documentos de arquivo têm sua origem na execução de atividades, dentro do plano de trabalho estabelecido. Desse modo, pode-se dizer que atividades são ações decorrentes do cumprimento de uma função específica dentro da estrutura administrativa da instituição (UNESP, 2016, p. 9).

O *Plano de classificação e tabela de temporalidade da UNESP* (2016) apresenta os documentos da administração universitária com base na divisão: Função – subfunção – atividade – documento, assim como consta na figura a seguir.

Figura 4 – Plano de classificação de documentos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Atividades-Meio

Função	02	Comunicação Institucional
Subfunção	02.01	Assessoria de Imprensa
Atividade	02.01.01	Compilação de notícias sobre a Universidade
Documento	02.01.01.01	Clipping
Atividade	02.01.02	Divulgação das ações da Universidade
Documentos	02.01.02.01	Artigo, nota e notícia
	02.01.02.02	Cadastro dos meios de comunicação. Mailing
	02.01.02.03	Credencial de jornalista
	02.01.02.04	Pauta para a imprensa
	02.01.02.05	Release e sinopse
	02.01.02.06	Site institucional
Atividade	02.01.03	Editoração e programação visual
Documento	02.01.03.01	Modelo de diagramação para matérias de site institucional
Atividade	02.01.04	Produção de registros de imagem e som
Documentos	02.01.04.01	Banco de Imagem
	02.01.04.02	Registro fotográfico
	02.01.04.03	Registro sonoro
	02.01.04.04	Vídeo institucional
Atividade	02.01.05	Publicação oficial e co-edição
Documentos	02.01.05.01	Jornal Unesp, Revista Unesp
	02.01.05.02	Projeto gráfico
	02.01.05.03	Prova do projeto gráfico
Subfunção	02.02	Cerimonial e relações públicas
Atividade	02.02.01	Elaboração de normas para recepções oficiais
Documento	02.02.01.01	Manual do Cerimonial Universitário Unesp
Atividade	02.02.02	Apoio Logístico

Fonte: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

Por fim, entre os manuais pesquisados, elencamos o Manual de Gestão de Documentos (2012). O documento foi elaborado graças às ações realizadas no Programa de Gestão de Documentos do Estado do Rio de Janeiro – PGD²⁸. O programa também realizou a identificação arquivística e utilizou como instrumento técnico o banco de dados Sistema de Identificação de Tipologia Documental – SITD.

Os dados inseridos no SITD são utilizados para criação do Plano de classificação

²⁸ Ver: RIO DE JANEIRO (Estado). Governo do Estado do Rio de Janeiro. **Manual de Gestão de Documentos**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/aperj.aspx>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

dos Documentos. Na elaboração do modelo de plano de classificação optou-se pelo método de classificação funcional “estruturado em 4 (quatro) classes subordinadas: competência, função, atividade e tipologia documental” (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 31), como fica demonstrado na figura a seguir.

Figura 5– Modelo do Plano de Classificação de Documentos de Atividades-Meio do Poder Executivo do Estado

19 - Competência: Planejamento, orçamento e coordenação da ação governamental.		19.01 - Função: Gestão de políticas de administração de recursos humanos	
ATIVIDADES		TIPOLOGIA DOCUMENTAL	
19.01.01	Analisar direitos e vantagens dos servidores	19.01.01.01	Apostila de alteração de informações administrativas e de organização de pessoal
		19.01.01.02	Ato de aposentadoria
		19.01.01.03	Certidão de tempo de serviço
		19.01.01.04	Processo de reassunção de servidor
		19.01.01.05	Processo de restituição de valores de fundo de saúde
		19.01.01.06	Requerimento de adicional de qualificação
19.01.02	Executar o cadastro de pessoal e controle de frequência	19.01.02.01	Ato de exoneração de servidor a pedido
		19.01.02.02	Ato de investidura do servidor
		19.01.02.03	Ato de readaptação de servidor
		19.01.02.04	Ato de reassunção de servidor
		19.01.02.05	Boletim de inspeção médica
19.01.03	Providenciar o pagamento de pessoal.	19.01.03.01	Formulário de lançamentos de férias
		19.01.03.02	Formulário de alteração de valores de pagamento aos servidores
		19.01.03.03	Formulário de alteração relativa ao vínculo do servidor
		19.01.03.12	Processo de solicitação de mudança de nível
		19.01.03.13	Termo de reconhecimento de dívida

Fonte: Rio de Janeiro (Estado), 2012.

Bellotto afirma que o trabalho com a “Tipologia gira em torno da relação dos documentos com as atividades institucionais/pessoais” da entidade produtora (2002, p.21). A metodologia da nossa pesquisa necessitava conhecer a produção documental da docência, com ênfase na identificação tipológica, o que torna fundamental que as atividades desempenhadas pela produtora do arquivo sejam mapeadas.

Os manuais que trabalharam a classificação documental com ênfase nas atividades da entidade produtora foram relevantes no desenvolvimento de nossa metodologia, uma vez que nosso objeto de estudo é o arquivo pessoal de uma pessoa. O mapeamento da produção documental em arquivos pessoais se torna mais completo quando são identificadas as atividades exercidas pelo produtor.

3.1 Subatividades da docência e identificação de suas tipologias documentais

Nos planos de classificação consultados, percebemos a presença de uma documentação universitária ligada às atividades administrativas, mas que não contemplam a produção documental oriunda das atividades do professor no exercício de sua docência.

A docência e a pesquisa, duas atividades finalísticas da instituição, são exemplos contundentes das lacunas comuns aos arquivos administrativos. É, portanto, nos arquivos pessoais, estranhos à gestão institucional e que, por isso mesmo, não figuram na pauta de suas prioridades ou de suas políticas de preservação de acervos, que podem ser encontradas as fontes que permitem compreender tais atividades do ponto de vista dos estágios que habilitam a sua plena viabilização (CAMPOS; BEZERRA, 2015, p. 238).

Diante deste fato, utilizamos a pesquisa de Campos (2014) como referência e realizamos um levantamento das principais subatividades da docência de Estela Kaufman. Foram identificadas 25 subatividades que estão demonstradas no Quadro 3 junto com sua produção documental.

Para identificar essas subatividades foi necessário ter clareza sobre as funções desempenhadas e os cargos ocupados nas instituições de ensino por onde Estela Kaufman passou. O conhecimento prévio que tínhamos do histórico da produtora, das funções exercidas e dos documentos acumulados em seu arquivo, contribuiu para o andamento da pesquisa.

A metodologia consistiu em retornar aos documentos produzidos em cada instituição de ensino e procurar identificá-los e nomeá-los segundo sua tipologia. Vários tipos documentais eram recorrentes, o que nos motivou a identificar as subatividades geradoras dessas tipologias.

As 25 subatividades encontradas representam as múltiplas funções desempenhadas por uma professora de matemática em uma instituição de ensino, o que reforça mais uma vez o potencial informativo presente nos arquivos pessoais de professores e pesquisadores.

O Quadro 3 que se configura como um dos resultados apresentados pela nossa pesquisa, uma vez que nosso objetivo principal foi mapear a atividade docente de Estela Kaufman, suas subatividades e documentos decorrentes. Nele estão demonstrados os tipos e espécies documentais identificados a partir do mapeamento das subatividades da docência de Estela Kaufman. O quadro apresenta informações sobre o arquivo com um melhor embasamento e visa contribuir com a classificação dos documentos do arquivo da matemática.

QUADRO 3 – MAPEAMENTO DAS SUBATIVIDADES DA ATIVIDADE DOCENTE DE ESTELA KAUFMAN E SEU CORRELATO DOCUMENTAL

SUBATIVIDADES MAPEADAS	ESPÉCIES/TIPOS DOCUMENTAIS IDENTIFICADOS
1. Propor disciplinas	Ementa
	Plano de Curso
	Quadro de Conteúdo Programático
2. Planejar período letivo	Cronograma
	Calendário de semestre
	Calendário de período letivo
	Calendário de provas
	Memorando de reposição de aula
	Projeto de recepção dos alunos
	Quadro de horário
Subsídio	
3. Planejar aulas	Apontamento
	Caderno de exercício
	Caderno de planejamento
	Fluxograma
	Organograma
	Periódico
4. Ministrar aulas	Apostila de aula
	Apresentação
	Artigo de Periódico
	Bibliografia
	Bilhete de reserva de sala
	Diário de classe
	Lista de alunos
	Lista de exercício
	Lista de presença
Roteiro de aula	
5. Propor atividades aos alunos	Cartaz escolar
	Desenho de polígonos
	Exercício
	Relatório de avaliação de curso
	Relatório de experiência de alunos na disciplina
	Resumo de livro
	Texto
	Trabalho Escolar
6. Avaliar alunos	Ata de prova
	Ficha de autoavaliação de aluno
	Ficha de avaliação
	Ficha de curso de recuperação
	Ficha de desempenho das turmas

6. Avaliar alunos (cont.)	Ficha de desempenho de alunos
	Ficha de notas
	Ficha de planejamento da recuperação
	Ficha de questões
	Ficha individual de avaliação
	Gabarito
	Gráfico de nível motivacional de alunos
	Lista de acordo de transferência de data
	Lista de alunos aprovados
	Lista de normas
	Lista de notas
	Lista de orientação sobre recuperação
	Lista de perguntas
	Lista de presença em prova
	Planilha de avaliação de aluno
	Prova
	Solicitação de reposição de prova
	Questionário
	Teste
7. Preparar alunos para processos seletivos	Apostila de concurso
	Caderno de jornal
	Caderno de questões de vestibular
	<i>Clipping</i> de questões de vestibular
	Coluna de jornal
	Folha de resposta de prova
	Gabaritos
	Lista de alunos inscritos em olimpíada
	Lista de aprovados em vestibular
	Lista de contato de alunos
	Lista de questões da olimpíada brasileira de matemática
	Lista de temas de provas
	Manual de instrução de candidato em concurso
	Notícia
	Prospecto
	Simulado de prova
	Quadro de desempenho dos candidatos
Questionário de prova	
8. Elaborar material didático	Apostila de aula
	Apostila de curso
	Apostila de jogos
	Cartão de jogo didático

8. Elaborar material didático (Cont.)	Desenho de círculo trigonométrico
	Desenho de planificação de sólido geométrico
	Ficha de jogo
	Jogo de quebra-cabeça
	Jogo de tabuleiro
	Lista de exercício
	Lista de instruções de jogos
	Manual de instruções de jogo
	Prova
	Tangram
	Tangram coração
	Teste
	Origami
9. Adquirir material didático	Cartaz de divulgação de material didático
	Catálogo de jogos
	Catálogo de propaganda de material didático
	Jogo de dominó
	Jogo de tabuleiro
	Prospecto
	Recibo de venda
Tabela de valor de materiais didáticos	
10. Supervisionar atividades de estágio de aluno-estagiário	Ficha de trabalho de aluno-estagiário
	Folha de aprovação de trabalho de conclusão de curso
	Folha de conferência de assinaturas
	Lista de alunos-estagiários
	Lista de contatos de alunos-estagiários
	Lista de conteúdos
	Lista de exercício de aluno-estagiário
	Memorando de solicitação
	Modelo de relatório de estágio
	Parecer de supervisão de estágio
	Plano de aula de aluno-estagiário
	Plano curricular
	Quadro de horário de aula
	Quadro de notas de aluno-estagiário
	Regulamento de prática docente supervisionada
	Relatório de estágio supervisionado
	Relatório de observação de aula
Roteiro de observação de aula de aluno-estagiário	
Solicitação de realização de estágio em escola	
Questionário de avaliação	

11. Orientar alunos de graduação e pós-graduação	Atestado de participação em banca
	Carta de agendamento de reunião
	Dissertação
	Lista de orientação para elaboração de relatórios
	Quadro de horário de defesa
	Trabalho de Conclusão de Curso
12. Participar como avaliador em bancas de processos seletivos internos	Ato normativo de composição de comissão
	Convite de composição de banca
	Declaração de participação em comissão
	Prova de admissão de monitor
	Prova de processo seletivo
	Lista de alunos aprovados
	Lista de orientações
13. Integrar corpo docente de instituição de ensino	Atestado de designação de função
	Ato normativo de promoção de cargo
	Aviso de férias
	Boletim informativo
	Carta de afastamento do cargo
	Carta de dispensa de professores
	Carta de divulgação de projeto
	Carta de justificativa de ausência
	Carta de solicitação de promoção
	Crachá de identificação
	Declaração de disciplinas ministradas
	Declaração de exercício de função
	Declaração de tempo de serviço
	Ficha de autoavaliação
	Ficha de justificativa de falta
	Ficha de registro em corpo docente
	Ficha funcional
	Ficha individual de funcionário
	Memorando de apresentação
	Ofício de remanejamento
Prospecto	
Relatório de atividades	
Termo aditivo de contrato	
14. Participar de reuniões pedagógicas e de Departamento de professores	Apontamentos
	Apostila de reunião pedagógica
	Bilhete
	Carta aberta de estudantes
	Lista de presença
	Pauta de reunião
	Relatório de avaliação
Subsídio	

15. Receber avaliação de desempenho docente	Apostila de orientação para avaliação
	Tabela de avaliação de desempenho
16. Participar ou organizar cursos de aperfeiçoamento de professores	Apontamentos
	Apostila de seminário de professores
	Projeto de curso
	Projeto de capacitação de professores
17. Compor grupos de trabalho	Carta-convite de composição de grupo de trabalho
	Declaração de participação em grupo de trabalho
	Portaria de nomeação
18. Manter correspondência profissional com comunidade escolar e acadêmica	Boletim Informativo
	Carta de responsável por aluno
	Comunicado aos alunos
	Comunicado aos responsáveis
	<i>E-mail</i>
19. Executar projetos	Anteprojeto
	Apostila de projeto de pesquisa
	Projeto de evento
	Projeto de trabalho
	Relatório de aluno-monitor
20. Disseminar dados da pesquisa	Artigo científico
	Norma de publicação
21. Participar de congressos e reuniões científicas, cursos, semanas acadêmicas ou organizá-los;	Apostila de minicurso
	Caderno de programação
	Caderno de poemas
	Carta de agradecimento
	Carta de divulgação
	Carta de inscrição
	Certificado de participação
	Convite
	Cronograma
	Lista de alunos inscritos
	Lista de conteúdo
	Lista de presença
	Memorando de solicitação
	Prospecto
	Regulamento de evento
Relatório de evento	
Resumo de evento	
Roteiro de curso	
22. Proferir palestras ou discursos para comunidade acadêmica e escolar	Discurso de formatura
	Lista de componentes de cerimonial de abertura
	Roteiro de palestra

23. Prestar contas com a instituição	Recibo de pagamento (valor pago por aluno para realização de reposição de prova)
	Recibo de reembolso de passagem
24. Receber prêmios, e homenagens	Cartão de agradecimento
	Convite de formatura
	Livro de formatura
25. Vincular-se a associações científicas ou profissionais	Carta de comunicação ao sindicato
	Carta de associação de docentes
	Carta de convocação de reunião

Fonte: Elaboração própria, baseada em Arquivo Estela Kaufman (Acervo MAST); e CAMPOS, 2014;

Algumas questões sobre o Quadro 3 precisam ser pontuadas. Tanto as subatividades listadas, como a tipologia proveniente destas, representam a amplitude do campo de atuação docente de Estela Kaufman. Trata-se de uma produção documental diversa e que por vezes revela características específicas do perfil profissional da professora.

As subatividades de “Propor disciplinas; Planejar período letivo; Planejar aulas; Ministras aulas; Propor atividades aos alunos; e Avaliar alunos;” são as que mais produziram tipologias dentro do que, tradicionalmente, entendemos da atuação de um professor. São documentos que representam o trabalho cotidiano de planejamento de ações e o resultado da aplicação em sala de aula. Vale ressaltar que as tipologias documentais oriundas do processo de avaliação dos alunos não estão limitadas apenas às provas e listas de notas. Foram identificados gráficos de nível motivacional e fichas de autoavaliação dos alunos. As tipologias identificadas demonstram compreensão do perfil dos alunos do ponto de vista do desempenho e da motivação nas disciplinas.

A subatividade de “Preparar alunos para processos seletivos” nos apresenta as tipologias produzidas no contexto da atuação de Estela Kaufman nas turmas preparatórias para o vestibular. Entre essas tipologias identificamos alguns tipos documentais jornalísticos nos quais constam questões das provas dos vestibulares, gabaritos e textos sobre a aplicação dos exames.

As subatividades 7 e 8, sobre a elaboração e aquisição de materiais didáticos, apresentam aspectos singulares da atividade profissional docente de Estela Kaufman. Durante sua trajetória profissional a matemática se dedicou à formação de professores e ao ensino da matemática em turmas da educação básica. Para tornar a linguagem matemática mais acessível e compreensível aos seus alunos, Estela Kaufman adotava metodologias de ensino de forma lúdica, por meio de atividades com jogos e desenhos geométricos.

Os jogos utilizados pela matemática em suas atividades eram em sua maioria elaborados pelo Departamento de Ensino de Ciências do *The Weizmann Institute of Science*

– Rehovot, Israel. Estela Kaufman matinha contato com pesquisadores desse instituto e era realizado um intercâmbio de informações de pesquisa e de materiais didáticos produzidos na instituição, conforme o exemplo da Figura 6. Alguns jogos eram elaborados pela produtora a partir dos modelos de jogos adquiridos.

Um dos jogos identificados em nosso mapeamento é um jogo de dominó (Figura 6) para iniciação no estudo das coordenadas cartesianas. O jogo é composto por uma representação de um mapa cartesiano, fichas de jogo e cartões de jogo. O objetivo do jogo é identificar a coordenada cartesiana presente no cartão de jogo e marcar os pontos no plano cartesiano com as fichas do jogo, criando assim uma combinação entre informação das coordenadas do cartão e do plano cartesiano.

As figuras 7 e 8, respectivamente Tangram Coração e Tangram, são quebra-cabeça geométricos de origem chinesa e que eram utilizados por Estela Kaufman em suas aulas e cursos de formação para professores dos anos iniciais do ensino fundamental. O recurso pedagógico representa uma forma lúdica de ensino da geometria plana e estimula o aluno a construir desenhos com as formas geométricas do quebra-cabeça.

Figura 6 – Jogo de Dominó em Plano Cartesiano



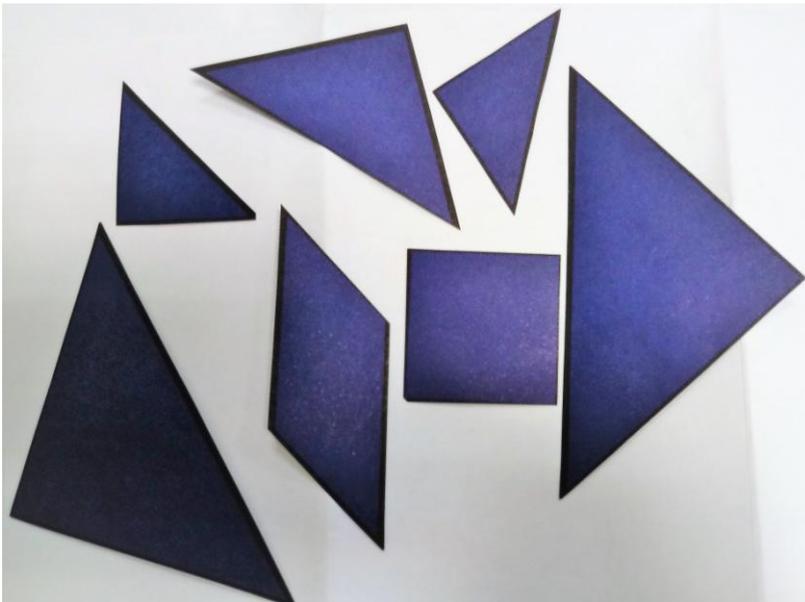
Fonte: Arquivo pessoal Estela Kaufman (Acervo MAST) – Foto da autora

Figura 7 – Tangram Coração



Fonte: Arquivo pessoal Estela Kaufman (Acervo MAST) - Foto da autora

Figura 8 – Tangram



Fonte: Arquivo pessoal Estela Kaufman (Acervo MAST) - Fotos da autora

As subatividades 10 e 11 estão relacionadas à supervisão e orientação de trabalhos finais de alunos bacharéis e licenciados em Matemática. A professora Estela Kaufman atuou por muitos anos como supervisora de turmas de estágio supervisionado, antiga disciplina de prática de ensino. O trabalho com as turmas resultou na produção de várias tipologias

referentes à atuação dos alunos-estagiários no exercício da prática em sala de aula.

As tipologias produzidas no contexto das atividades junto ao corpo docente das instituições de ensino estão representadas nas subatividades de 12 a 18 e na subatividade 23. São registros acumulados no cotidiano de trabalho com os demais professores da instituição, nos grupos de trabalho, comissões e com os membros das secretarias de escolas e cursos de graduação.

As espécies e tipos documentais identificados a partir das subatividades de “execução de projetos” e de “disseminação dados da pesquisa” também possuem relação com a atividade docente de Estela Kaufman. Trata-se da elaboração de projetos em eventos e atividades pontuais nas escolas e instituições de ensino superior.

Por fim, vale pontuar uma questão referente à participação em eventos, que no Quadro 3 está exposta como subatividade 21. Os eventos que foram mapeados ocorreram nas instituições que a produtora atuava. Portanto, os tipos documentais identificados não representam toda produção documental de Estela Kaufman em eventos acadêmicos.

O mapeamento das atividades docentes de Estela Kaufman nos permitiu identificar as espécies e tipos documentais produzidas por essas atividades. Um dos objetivos da nossa pesquisa é que, através da identificação tipológica, pudéssemos nomear e definir cada tipo de documento. Uma vez que os documentos são identificados, eles “requerem uma nomenclatura precisa que nos permita reconhecer unidades documentais semelhantes” (HEREDIA HERRERA, 2007, p.30, tradução nossa). A precisão da nomenclatura permite a padronização do vocabulário e acaba por auxiliar nas etapas de tratamento dos documentos do arquivo.

CAPÍTULO 4: PRODUTO TÉCNICO-CIENTÍFICO

A identificação tipológica tem se mostrado uma importante contribuição metodológica para o tratamento arquivístico, pois “reconhece as características intrínsecas e extrínsecas dos documentos, com o objetivo de identificar a atividade que lhe deu origem, buscando nomeá-los corretamente” (SILVA; TRANCOSO, 2015, p. 852).

Mais do que mapear as subatividades, identificar e nomear adequadamente as espécies e tipos documentais faz parte do escopo da nossa pesquisa a definição das tipologias identificadas. Para isso, elaboramos um produto técnico-científico em forma de glossário de espécies e tipos documentais da atividade docente de Estela Kaufman. O produto se apresenta como o resultado principal da nossa pesquisa e foi elaborado a partir dos dados obtidos no mapeamento demonstrado no capítulo anterior. As espécies e tipos documentais identificadas e apresentadas no Quadro 3 estão definidas neste instrumento de pesquisa.

O glossário visa contribuir com as pesquisas em torno da tipologia documental em arquivos de cientistas já desenvolvidas pelo MAST. As tipologias identificadas poderão auxiliar na elaboração do glossário de espécies e tipos documentais de arquivos pessoais de cientistas que está sendo produzido pelo Arquivo de História da Ciência. O produto técnico-científico apresenta 91 definições para as 32 espécies e 197 tipos documentais identificados durante o mapeamento das subatividades da docência de Estela Kaufman.

O produto foi elaborado segundo o modelo do *Glossário de Espécies e Tipos Documentais em arquivos de Laboratórios* (SILVA, 2014). O instrumento também nos auxiliou com a definição das tipologias identificadas durante a pesquisa.

Outros glossários foram consultados para chegarmos às definições dos tipos e espécies documentais. Utilizamos como referência o *Glossário de espécies/formatos e tipos documentais da Universidade de São Paulo*, elaborado pelo Sistema de Arquivos USP – SAUSP (1997); o *Glossário de espécies/formatos e tipos documentais dos institutos e faculdades da Unicamp*; o *Glossário de tipos documentais em arquivos de cientistas*, produzido pela Casa de Oswaldo Cruz (2009) e o *Glossário de termos utilizados na descrição do acervo* do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (2015). As definições dos tipos documentais jornalísticos foram consultadas no trabalho de CAMPOS (2018) que conta com um glossário específico das espécies e tipos documentais resultantes da atividade jornalística.

As definições que não constam nesses instrumentos de pesquisa, especificamente os tipos documentais sobre jogos e materiais didáticos, foram elaboradas com auxílio da consulta ao *Dicionário Houaiss* (2009) e com as informações obtidas por meio de pesquisa

no arquivo pessoal Estela Kaufman. Ressaltamos que o diferencial a ser apresentado no produto a seguir são as definições dos tipos documentais dos materiais didáticos do ensino da matemática. A produção dessas tipologias foi uma característica marcante na atividade profissional de Estela Kaufman.

4.1 Glossário de espécies e tipos documentais da atividade docente de Estela Kaufman

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
Anteprojeto	Estudo preparatório ou esboço de um projeto.
Apontamentos	Registro informal do que foi lido, ouvido, observado ou pensado, para eventual uso posterior. Substitui anotações.
APOSTILA de aula de concurso de curso de jogos de minicurso de orientação para avaliação de projeto de pesquisa de reunião pedagógica de seminário de professores	Esquemas de cursos ou textos de obras reunidos com fins didáticos.
Apresentação	Conjunto de quadros sinópticos, a partir de <i>slides</i> de apresentação elaborados em PowerPoint ou <i>software</i> equivalente.
Artigo científico	Composição não literária que trata de um ou mais assuntos específicos, de forma objetiva e argumentada, para fins de publicação em periódico.
Artigo de periódico	Composição de caráter interpretativo e/ou opinativo, sempre assinada, redigida por jornalista ou por especialista, em que se aborda um tema específico de maneira fundamentada, podendo conter juízo de valor ou opiniões do autor a respeito do fato ou do fenômeno abordado.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
Ata de prova	Lista com data, nome e assinatura dos alunos e do professor da disciplina.
ATESTADO de desígnio de função de participação em banca	Manifestação sobre a situação ou condição de alguém, feita por pessoa qualificada ou autoridade (governamental, civil, militar, eclesiástica ou notarial). Não confundir com Certidão e Certificado.
Autorização de estágio	Instrumento pelo qual se concede permissão para atuação de aluno-estagiário em escola.
Aviso de férias	Comunicação pela qual uma ou mais pessoas são notificadas sobre período de férias.
Bibliografia	Relação de obras citadas ou consultadas na elaboração de determinado texto.
Bilhete de reserva de sala	Mensagem informal, com conteúdo abreviado e suporte de dimensões reduzidas. Utilizado para solicitar reserva de sala. Aplicam-se ao bilhete, em princípio, os mesmos tipos da carta.
Boletim informativo	Breve texto informativo, destinado a circulação interna ou a divulgação pública.
CADERNO de conteúdo de exercício de jornal de planejamento de programação de provas de questões de vestibular	Formato de dimensões variáveis constituído por diversas folhas de papel, unidas por costura, cola, espiral ou outro processo, destinado ao registro de informações de qualquer natureza.
Caderno de poemas	Formato constituído por diversas folhas de papel, unidas por costura, cola, espiral ou outro processo. Contém o registro de poemas a serem apresentados em evento escolar.
CALENDÁRIO de período letivo de provas	Tabela que prioriza os dias e meses de um ano, relacionando atos e eventos por data de realização.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
CALENDÁRIO (Cont.) de semestre	
CARTA aberta de estudantes de afastamento do cargo de agendamento de reunião de agradecimento de associação de docentes de comunicação ao sindicato de convocação de reunião de dispensa de professores de divulgação de divulgação de projeto de inscrição de justificativa de ausência de responsável por aluno de solicitação de promoção	Meio de comunicação utilizado por pessoas físicas e entidades privadas. Pode ser dirigida ao mesmo tempo, com idêntico teor, a diferentes destinatários. No âmbito do serviço público, servem de veículo de comunicação institucional interna e externa o memorando e o ofício, respectivamente.
Carta-convite	<u>Ver</u> CONVITE
Cartão de agradecimento	Meio de comunicação que utiliza papel encorpado de pequeno e médio formato para mensagens de agradecimento com o intuito de prestar homenagem. Aplicam-se ao cartão, em princípio, os mesmos tipos da carta. No plural, o termo pode ser utilizado para indicar a abordagem serial prevista para cartas enviadas e cartas recebidas.
Cartão de jogo didático	Não configura espécie documental propriamente dita, mas formato. Utiliza papel encorpado retangular de pequena e média dimensão. Apresenta conteúdo didático para instrução dos participantes do jogo.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
Cartaz de divulgação de material didático	Anúncio de dimensões grandes (cartaz) ou médias (cartazete), para afixação em lugar público, com a finalidade de divulgação de material didático.
Cartaz escolar	Não configura espécie documental propriamente dita, mas formato. Pode conter textos, desenhos e colagens de utilizados para fins didáticos.
CATÁLOGO de jogos de propaganda de material didático	Instrumento de descrição de objetos, de atividades ou de nomes para efeitos de divulgação.
Certificado de participação	Declaração que garante a veracidade da participação congressos, reuniões científicas, cursos e semanas acadêmicas. Assemelha-se ao atestado que, entretanto, é mais usado em relação a pessoas.
<i>Clipping</i> de questões de vestibular	Parte de jornal ou revista destacado colecionado por assuntos referentes à aplicação de provas de vestibular. Em geral, são coladas em folhas formando cadernos de <i>clipping</i> .
Crachá de identificação	Cartão de identidade que se usa pendurado ou preso à vestimenta em determinados ambientes ou eventos.
Coluna de jornal	Seção especializada, de caráter informativo e/ou opinativo, publicada regularmente e destinada à cobertura de assunto referente à educação, em que se reúne material de natureza diversa (charges, notas, notícias, fotos-legendas).
COMUNICADO aos alunos aos responsáveis	Cientificação dada oficialmente.
CONVITE de composição de banca de formatura	Meio de comunicação pelo qual se solicita a participação de alguém em ato ou evento. Qualquer que seja a espécie utilizada - carta, memorando ou ofício -, sendo circular ou não, adota-se o termo convite.
Cronograma	Representação gráfica temporal dos blocos de trabalho em que são definidas e detalhadas minuciosamente as atividades a serem executadas durante um período estimado.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
<p>DECLARAÇÃO</p> <p>de aceite de aluno-estagiário</p> <p>de conclusão de estágio supervisionado</p> <p>de disciplinas ministradas</p> <p>de exercício de função</p> <p>de participação em comissão</p> <p>de participação em grupo de trabalho</p> <p>de supervisão de estágio em escola</p> <p>de tempo de serviço</p> <p>de vínculo</p>	<p>Manifestação de opinião, conceito, resolução ou observação, por pessoa física ou por colegiado.</p>
<p>DESENHO</p> <p>de círculo trigonométrico</p> <p>de planificação de sólido geométrico</p> <p>de polígonos</p>	<p>Representação de seres, objetos, ideias, sensações, feita sobre uma superfície, por meios gráficos, com instrumentos apropriados. Utilizado para fins didáticos.</p>
<p>Diário de classe</p>	<p>Caderneta contendo nomes e frequência diária de alunos (O mesmo que CADERNETA DE CLASSE).</p>
<p>Discurso de formatura</p>	<p>Mensagem solene para turma de concluintes em escola ou universidade, proferida perante grupo variável de pessoas.</p>
<p>Dissertação</p>	<p>Trabalho acadêmico para a obtenção do título de mestre.</p>
<p>E-mail</p>	<p>Mensagem transmitida por correio eletrônico aplicada aos sistemas que utilizam a internet e/ou intranet, de características semelhantes a carta ou bilhete.</p>
<p>EMENTA</p>	<p>Resumo de ato normativo ou de programa de ensino.</p>
<p>EXERCÍCIO</p>	<p>Trabalho escolar com o objetivo de treinar o aluno em determinada matéria.</p>

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
<p>FICHA</p> <p>de análise de livro didático</p> <p>de autoavaliação de aluno</p> <p>de avaliação</p> <p>de avaliação de estágio</p> <p>de avaliação do aluno-estagiário</p> <p>de avaliação parcial</p> <p>de curso de recuperação</p> <p>de desempenho das turmas</p> <p>de desempenho de alunos</p> <p>de frequência de estágio</p> <p>de horário</p> <p>de justificativa de falta</p> <p>de notas</p> <p>de observação de aulas</p> <p>de planejamento da recuperação</p> <p>de questões</p> <p>de registro em corpo docente</p> <p>de trabalho de aluno-estagiário</p> <p>funcional</p> <p>individual de avaliação</p> <p>individual de funcionário</p>	<p>Formato (em geral de dimensões menores que a folha) com campos pré-definidos ou não, para preenchimento de informações específicas.</p>
<p>Ficha de jogo</p>	<p>Não configura espécie documental propriamente dita, mas um objeto. Utilizada em jogos didáticos para representar certa quantia acumulada, para se marcar os pontos ou se fazer pagamentos e apostas. Utilizada para fins didáticos.</p>
<p>Ficha de trabalho de aluno-estagiário</p>	<p>Ficha de registros das informações pessoais do aluno-estagiário, datas, turmas e colégio em que é realizado o estágio, assinaturas dos supervisores e observações sobre os conteúdos ministrados.</p>

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
Folder	<u>Ver</u> PROSPECTO
FOLHA de aprovação de TCC de resposta de prova	Formato (em geral de dimensões maiores que a ficha) com campos pré-definidos ou não, para preenchimento de informações específicas.
FOLHA DE CONFERÊNCIA DE ASSINATURAS	Formato com campos pré-definidos. Utilizada para preenchimento de assinaturas de alunos-estagiários no comparecimento às aulas nas escolas em que exerciam o estágio supervisionado.
Folheto	<u>Ver</u> PROSPECTO
Fluxograma	Representação gráfica da definição, análise e solução de um problema ou de rotinas de trabalho.
Gabarito	Conjunto de respostas corretas às questões de uma prova seja ela discursiva ou de tipo de múltipla escolha.
Gráfico de nível motivacional de alunos	Representação plana de dados sobre os níveis de motivação dos alunos para a participação em atividades escolares e acadêmicas.
Jogo de dominó	Não configura espécie documental propriamente dita, mas um objeto lúdico. Jogo de mesa que utiliza peças de formato retangular ou quadradas. Pode contar com a representação de um plano cartesiano em sua composição ou operações matemáticas impressas sobre as peças. Utilizado para fins didáticos.
Jogo de quebra-cabeça	Não configura espécie documental propriamente dita, mas um objeto lúdico. Jogo que consiste em combinar diferentes peças para com elas formar um todo, que pode ser uma figura, um mapa, uma frase etc. Utilizado para fins didáticos.
Jogo de tabuleiro	Não configura espécie documental propriamente dita, mas um objeto lúdico. Meio de entretenimento que utiliza superfície plana e pré-marcada. Geralmente é composto por pinos, dados e fichas. Utilizado para fins didáticos.
LISTA de alunos de alunos aprovados	Relação pormenorizada de nomes de pessoas, coisas, quantias ou circunstâncias para finalidades diversas (controle, entrega, empréstimo, informação etc.).

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
<p>LISTA (Cont.)</p> <p>de alunos inscritos</p> <p>de alunos-estagiários</p> <p>de aprovados em vestibular</p> <p>de componentes de cerimonial de abertura</p> <p>de contato de alunos</p> <p>de conteúdo</p> <p>de exercício</p> <p>de exercício de aluno-estagiário</p> <p>de instruções de jogos</p> <p>de normas</p> <p>de notas</p> <p>de orientação para elaboração de relatórios</p> <p>de orientação sobre recuperação</p> <p>de perguntas</p> <p>de presença</p> <p>de questões da olimpíada brasileira de matemática</p> <p>de temas de provas</p>	
<p>Livro de Formatura</p>	<p>Coleção de folhas de papel, reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc.. Reúne informações sobre solenidades celebradas na conclusão de um curso.</p>
<p>MANUAL</p> <p>de instrução de candidato em concurso</p> <p>de instrução de jogo</p>	<p>Publicação destinada a orientar a execução de tarefas ou o uso adequado de determinados produtos.</p>
<p>Mapa de aulas de aluno-estagiário</p>	<p>Quadro com a distribuição dos horários de aulas, locais e dados sobre os alunos-estagiários.</p>

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
MEMORANDO de apresentação de reposição de aula de solicitação	Meio de comunicação entre as unidades administrativas de um mesmo órgão ou entre os membros de um mesmo projeto, sem restrições de hierarquia ou tema.
Modelo de relatório de estágio	Estrutura formal obrigatória a ser seguida na elaboração dos relatórios de estágio supervisionado.
Norma de publicação	Regra ou padrão a ser aplicada para publicações de modo a garantir sua qualidade.
Notícia	Relato de caráter informativo, assinado ou não, de acontecimento ou fato atual que supõe interesse coletivo.
Ofício de remanejamento	Meio de comunicação próprio do serviço público, de caráter oficial, entre inferiores e superiores hierárquicos. Utilizado para modificação de professores do quadro de servidores.
Organograma	Gráfico dos níveis hierárquicos de uma instituição ou um serviço, indicando os arranjos e inter-relações de suas unidades constitutivas.
Origami	Não configura espécie documental propriamente dita, mas um objeto lúdico. Trata-se da arte de dobrar papel, também utilizada como recurso didático para estudo e construção de formas geométricas.
Panfleto	<u>Ver</u> PROSPECTO
Parecer de supervisão de estágio	Opinião fundamentada por professor que supervisiona aluno-estagiário no exercício de sua atuação docente.
Pauta de reunião	Relação de itens a serem abordados em uma reunião.
Periódico	Publicação em fascículo, número ou parte, editado a intervalos pré-fixados, por tempo indeterminado, com a colaboração de diversas pessoas, sob a direção de uma ou de várias. Podem ser diários (jornais); semanais, quinzenais, mensais, bimensais, trimestrais, quadrimestrais, semestrais (revistas), anuais e bianuais.
Planilha de avaliação de aluno	Quadro em que são sistematizados os resultados do desempenho dos alunos. Contém números de acertos e classificação dos alunos.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
PLANO curricular de aula de aluno-estagiário de curso	Instrumento de planejamento que especifica ações a serem desenvolvidas.
Portaria de nomeação	Ato pelo qual as autoridades competentes determinam providências de caráter administrativo. Refere-se à nomeação para composição de grupo de trabalho.
PROJETO de capacitação de professores de curso de evento de recepção dos alunos de trabalho	Conjunto de operações a executar dentro de determinado prazo para obtenção de produto ou realização de atividade.
PROSPECTO	Instrumento de propaganda ou divulgação de ideia, evento, produto, serviço ou instituição. Costuma apresentar-se como impresso de pequeno porte, cujo formato pode ser de folha avulsa (com ou sem dobras) ou folheto. <u>Substitui</u> folder, folheto, folheto institucional e panfleto.
PROVA de admissão de monitor de processo seletivo	Instrumento preparado pelo professor, no qual os alunos ou candidatos lançam suas respostas.
QUADRO de conteúdo programático de desempenho dos candidatos de horário de notas de aluno-estagiário	Cercadura gráfica que limita textos, gráficos ou desenhos tornando-os facilmente visíveis ao observador.
QUESTIONÁRIO de avaliação de prova	Série de perguntas previamente formuladas por escrito para serem respondidas também por escrito.

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
<p>RECIBO</p> <p>de pagamento (valor pago por aluno para realização de reposição de prova)</p> <p>de reembolso de passagem</p> <p>de venda</p>	<p>Comprovante assinado por pessoa que tenha recebido valores, documentos, objetos, encomendas etc.</p>
<p>REGULAMENTO</p> <p>de evento</p> <p>de prática docente supervisionada</p>	<p>Conjunto de regras, geralmente de natureza complementar às basilares, e destinada a facilitar a sua execução.</p>
<p>RELATÓRIO</p> <p>de aluno-monitor</p> <p>de atividades</p> <p>de avaliação de curso</p> <p>de estágio supervisionado</p> <p>de evento</p> <p>de experiência de alunos na disciplina</p> <p>de observação de aula</p>	<p>Exposição de ocorrências, fatos, despesas, transações ou de atividades realizadas por autoridade com a finalidade de prestar conta de seus atos à autoridade superior.</p>
<p>RESUMO</p> <p>de evento</p> <p>de livro</p>	<p>Exposição breve de um texto, de uma sucessão de acontecimentos ou de contas.</p>
<p>ROTEIRO</p> <p>de aula</p> <p>de curso</p> <p>de observação de aula de aluno-estagiário</p> <p>de palestra</p>	<p>Relação dos tópicos mais importantes a serem abordados num determinado trabalho.</p>
<p>Simulado de prova</p>	<p>Teste com a finalidade de treinar candidatos a um processo seletivo.</p>

ESPÉCIE/TIPO DOCUMENTAL	DEFINIÇÃO
SOLICITAÇÃO de realização de estágio em escola de reposição de prova	Manifestação individual de reivindicação, dirigida à determinada autoridade pública ou colegiado, baseada ou não em atos legais ou jurisprudência.
Subsídio	Conjunto de folhas de papel que reúnem calendário escolar, trabalho da equipe pedagógica e técnica, e o planejamento com apresentação dos conteúdos a serem ministrados.
Tabela de valor de materiais didáticos	Representação de dados ou informações, em colunas paralelas ou linhas horizontais, com a finalidade de sistematização e visualização dos valores de materiais didáticos.
Tangram	Documento lúdico em geral iconográfico. Quebra-cabeça geométrico de origem chinesa formado por 7 peças, sendo estas: 5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo. Utilizado para fins didáticos.
Tangram Coração	Documento lúdico, em geral iconográfico. Quebra-cabeça geométrico formado por 8 ou 9 peças. O objetivo da atividade é unir as peças em formato de coração. Utilizado para fins didáticos.
Termo aditivo de contrato	Declaração escrita em processo ou em livro registrando um ato administrativo, contratual, de ajuste ou uma vontade. Acrescenta informações a um contrato.
Teste	<u>Ver</u> PROVA
TEXTO	Trabalho científico resultado de pesquisa, reflexão ou análise.
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	Trabalho obrigatório a ser apresentado no último ano da graduação.
Trabalho escolar	<u>Ver</u> EXERCÍCIO

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de SILVA, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi mapear as atividades docentes e a produção documental de Estela Kaufman Fainguelernt, com base na identificação tipológica. O estudo também teve como objetivo específico a elaboração de um glossário de espécies e tipos com as definições das tipologias identificadas por meio do mapeamento realizado. Em nossa metodologia procuramos demonstrar como a identificação pode contribuir com o conhecimento dos documentos e organização de um arquivo pessoal, baseando-se no levantamento das atividades desempenhadas pelo produtor. Os arquivos pessoais possuem uma tendência em apresentar diversas espécies e tipos documentais, pois são acumulados de maneira informal e sem regras institucionais.

O trabalho de identificação tipológica visa compreender quais as atividades desempenhadas pelo produtor do arquivo e dessa forma entender o contexto de produção dos documentos acumulados. Enxergamos a identificação tipológica como uma metodologia para preservação de conjuntos documentais, uma vez que identificados os documentos, as demais etapas do tratamento documental são mais bem conduzidas e a elaboração do quadro de classificação torna-se mais consistente e embasado. A preservação também ocorre por meio da produção de instrumentos de pesquisa que auxiliam os profissionais da área, pesquisadores e contribuem para o conhecimento dos acervos arquivísticos da ciência e tecnologia.

O acesso às fontes bibliográficas nos levou a constatar a necessidade do profissional arquivista de se apropriar da metodologia de identificação no seu trabalho cotidiano. Na década de 1980, a participação do Brasil nas discussões sobre o uso de novas metodologias de tratamento documental foi bastante positiva, até mesmo por ter resultado na publicação de tantas obras sobre identificação e tipologia documental que servem de referência para os pesquisadores até os dias atuais. No entanto, o trabalho com a metodologia de identificação ainda não se configura como uma prática regular nos arquivos espalhados pelo país. A adoção da metodologia ao tratamento documental arquivístico auxiliaria nas fases da organização e proporcionaria um maior entendimento sobre as funções e atividades desempenhadas pela entidade produtora.

Sobre os arquivos pessoais, percebemos a importância das iniciativas de trabalhos referenciadas nesta pesquisa, porém ressaltamos a ausência de estudos mais aprofundados sobre arquivos pessoais de professores e a caracterização da produção documental desses profissionais. Tais arquivos possuem uma riqueza de informações, tanto para conhecimento das práticas da docência, como para compreensão da trajetória das instituições de ensino e pesquisa onde esses profissionais atuaram. Entretanto, os programas de gestão de documentos adotados nas instituições de ensino, não contemplam essa produção

documental.

A preservação da memória da ciência brasileira, também passa pela preservação desses registros documentais que contam a história da consolidação de campos de pesquisa e da formação de pesquisadores pioneiros na área de educação e ciências no Brasil. Em tempos de tanto descrédito nas constatações científicas, nada mais necessário do que a preservação dos registros das práticas científicas de outrora, seja no campo das pesquisas de laboratório, ou nos trabalhos desenvolvidos em sala de aula e que auxiliaram na formação de tantos outros profissionais da ciência.

A aplicação dos roteiros de entrevista contribuiu para que tivéssemos maior clareza sobre a biografia de Estela Kaufman e da relação da mesma com os seus documentos pessoais. A pesquisa documental realizada no arquivo institucional do MAST permitiu que tivéssemos acesso às etapas do processo de doação do arquivo da matemática para a instituição. As informações apresentadas nos relatórios da equipe do Arquivo de História da Ciência demonstraram as fases de negociação, tanto com a família, como com os profissionais responsáveis pela guarda de parte da documentação no Laboratório de Pesquisa em História da Educação Matemática – LAPHEM da Universidade Severino Sombra.

Os dados coletados na pesquisa documental, juntamente com as repostas às questões da entrevista, nos levaram a perceber a existência de interesses na perpetuação da memória da produtora do arquivo por meio da institucionalização dos seus documentos. Esse interesse ficou demonstrado através das ações empreendidas pelos herdeiros de Estela Kaufman, como também ficou evidente por parte dos matemáticos que constituíam o seu grupo de pesquisa. Sendo que esses últimos desenvolveram um método de organização para uma parcela dos documentos da produtora. A perspectiva de institucionalização do arquivo era previsível, uma vez que três instituições foram mencionadas como possíveis destinos para os documentos pessoais da matemática, que acabaram sendo reunidos em sua totalidade no AHC do MAST.

A metodologia de mapeamento desenvolvida na pesquisa nos levou à identificação de 25 subatividades, 32 espécies e de 197 tipos documentais oriundos da atuação de Estela Kaufman enquanto docente. Assim como na atividade da pesquisa científica em laboratórios, os arquivos produzidos por docentes, contam com etapas intermediárias que dificilmente são preservados pelas instituições de ensino nas quais estão vinculados. Essas tipologias refletem as várias fases de trabalho de um professor, desde o planejamento até a execução das tarefas nas instituições de ensino.

Por meio do mapeamento da atividade docente de Estela Kaufman e das subatividades decorrentes, conseguimos elaborar quadros com informações mais consistentes sobre a produtora e o seu arquivo. As informações disponíveis nos quadros

também nos ajudaram a compreender as características da produção documental de um profissional da educação.

Com a apresentação dos quadros ficou demonstrado que o traço mais marcante da atividade docente de Estela Kaufman era a prática do ensino da Matemática pelo entretenimento proporcionado através de jogos educativos e com atividades de linguagem lúdica. As tipologias provenientes da elaboração e aquisição de materiais didáticos precisavam ser identificadas, nomeadas e definidas. Se comparados às tipologias recorrentes nos arquivos pessoais de cientistas, esses tipos documentais são muito específicos da atuação docente da produtora e reservam aspectos singulares.

A identificação tipológica dos documentos oriundos da atuação docente de Estela Kaufman permitiu a elaboração do glossário como um produto técnico-científico da pesquisa. A atribuição de nomenclatura adequada e as 91 definições das espécies e tipos documentais da atividade docente de Estela Kaufman poderão auxiliar também, nas etapas de classificação e descrição dos documentos que se encontram atualmente em fase de tratamento arquivístico. O resultado da pesquisa ficará disponível para a equipe do Arquivo de História da Ciência do MAST e esperamos que possa contribuir com as pesquisas sobre tipologia documental, desenvolvidas atualmente na instituição. O glossário elaborado torna pública a conclusão de uma pesquisa sobre a trajetória profissional de uma professora de Matemática e sobre a importância da preservação dos arquivos produzidos por esses profissionais. Espera-se que quanto maior for o conhecimento sobre a diversidade de tipologias documentais existentes nesses fundos, maior seja a garantia de salvaguarda destes arquivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Antônio Maurício Medeiros; SILVEIRA, Denise Nascimento. Uma leitura sobre as origens do Movimento da Matemática Moderna (MMM) no Brasil. **Tópicos Educacionais**, Recife, v. 23, n.1, p.76-91, jan/jun. 2017.

Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/>>. Acesso em: 04 out. 2020.

ARQUIVO GERAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Termos preferenciais:** documentos. São Paulo, 2014. 46f. Disponível em: < <https://sites.usp.br/projetomemoria/material-de-apoio/>>. Acesso em: 22 maio 2019.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Código de classificação e tabela de temporalidade e destinação de documentos de arquivo relativos às atividades-fim das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES)**. 2011. Disponível em: <<http://www.siga.arquivonacional.gov.br/index.php/instrumentos-de-gestao-aprovados>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Uma base terminológica consensual: limites e possibilidades. In: ARDAILLON, Danielle (org.). **Dar nome aos documentos:** da teoria à prática. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p. 272-284. Disponível em: <http://fundacaofhc.org.br/files/dar_nome_aos%20documentos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo.** São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo; Arquivo do Estado, 2002. (Projeto Como Fazer, 8).

_____. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz; 1991.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Política nacional de memória da ciência e da tecnologia:** relatório da comissão especial constituída pela Portaria 116/2003 do presidente do CNPq, em 4 de julho de 2003. Brasília, DF, 2003. 11p .

DICIONÁRIO brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

DICIONÁRIO Houaiss de Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloisa Liberalli (coord.). São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, Núcleo Regional de São Paulo (AAB-SP), 1996.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Sobre espécies e tipos documentais. In: ARDAILLON, Danielle (org.). **Dar nome aos documentos:** da teoria à prática. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p.14-30. Disponível em: <http://fundacaofhc.org.br/files/dar_nome_aos%20documentos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019

_____. Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 169-174, jul. 1998.

_____. Sobre arquivos pessoais. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro: AAB, v.7, n.2, p. 5-10, jul./dez. 2008.

_____. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, v. 45, p. 26-39, jul-dez. 2009.

_____; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância**: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC), 2007.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Recortes de jornal: da prática social aos arquivos**. 2018. 398f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

_____. **Preservando a memória da ciência brasileira**: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. 250f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____; BEZERRA, Lilian Miranda. Entre a sala de aula e o laboratório: os arquivos pessoais de professores e a memória da Universidade de São Paulo. In: ENCONTRO DE ARQUIVOS CIENTÍFICOS, 7. **Anais...** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. p. 223-244.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Glossário de tipos documentais em arquivos de cientistas**. 2009. p.52-78.

CASTRO, Maria da Conceição; LOURENÇO, Francisco dos Santos. Tipos documentais e padronização da descrição arquivística: um estudo de caso sobre arquivos científicos. In: CONFERÊNCIA DA SUV E ENCONTRO DE ARQUIVOS CIENTÍFICOS, 4., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 54-62.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, Núcleo Regional de São Paulo (AAB-SP), 1996.

FAINGUELERNT, Estela Kaufman; GOTTLIEB, Franca Cohen. Anna Averbuch. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.). **Educadoras Matemáticas**: memórias, docência e profissão. 1ed. São Paulo: Livraria da Física, 2013. p. 9-19.

FERREIRA DA COSTA, Letícia Maria **O movimento da matemática moderna no Brasil - o caso do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro**. 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERREIRA, Viviane Lovatti. **O Processo de disciplinarização da metodologia do ensino da matemática**. 2009. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. **Glossário de termos utilizados na descrição do acervo**. São Paulo: IFHC, 2015.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

GRANATO, Marcus; OLIVEIRA, Pedro Louvain de Campos. A institucionalização do patrimônio cultural da ciência e tecnologia. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello; OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de (Org.). **Política de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de. **Carta do Rio de Janeiro sobre o patrimônio cultural da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2017. Disponível em: < <http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural-da-Cincia-e-Tecnologia.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2020.

HEREDIA HERRERA, Antonia. En torno al tipo documental. **Arquivo & Administração**, v. 6, n. 2, jul./dez. p. 25-50, 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, jul. 1997.

LOPES, Maria Laura Mouzinho Leite. GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n 62, abr/jun, 1994.

LOPEZ, André Porto Ancona. Identificação de tipologias documentais em acervos dos trabalhadores. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Terezinha (Org.). **Arquivos do mundo dos trabalhadores: coletânea do 2º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos: memória e resistência**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2012.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 17-43.

_____. Provas de mim... In: HEYMAN, Luciana; NEDEL, Letícia. (Org.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim de Calazans Barradas. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 239-259

MELLO, Sílvia Lhamas de. **Identificação de tipologia documental como parâmetro para classificação de arquivos universitários**. 2013. 169f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

_____; RODRIGUES, Ana Célia. Identificação de tipologia documental como parâmetro para classificação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p. 601-620.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Política de Aquisição e Descarte de Acervos**. Comissão Permanente de Aquisição e Descarte de Acervo – COPAD, Rio de Janeiro, 2011.

NUNES, Katia Regina Ashton. Estela e o projeto fazendo arte com a Matemática. **Boletim GEPEM**. Rio de Janeiro. n. 68, p. 81-91, jan-jun. 2016. Disponível em: <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/gepem.2016.020>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso. **Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo de arquivos pessoais**. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. Descrição arquivística e os arquivos pessoais: conhecer os arquivos pessoais para compreender a sociedade. **Arq. & Adm.** Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 28- 51, 2013.

_____; SILVA, José Antônio da; SOBRAL, Camila Campoi de. Repensando as cartas em arquivos pessoais. In: SEMINARIO HISPANO BRASILEÑO: INVESTIGACIÓN EN INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y SOCIEDAD, 7. **Anais...** Madri: Universidade Complutense de Madrid, 2018, p. 1-16.

PANISSET, Bianca Therezinha Carvalho; OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. Tipologia documental nos arquivos pessoais da Fundação Casa de Rui Barbosa. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de.(org.). **Arquivos, entre tradição e modernidade.** São Paulo: ARQ-SP, 2017. p. 115-126.

PEREIRA, Pedro Carlos. **A educadora Maria Laura:** contribuições para constituição da Educação Matemática no Brasil. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

RIO DE JANEIRO (Estado). Governo do Estado do Rio de Janeiro. **Manual de Gestão de Documentos.** Rio de Janeiro, 2012. 108 p.

RODRIGUES, Ana Célia. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico da identificação de tipologia documental em arquivos.** 2008. 258f. Tese (Doutorado em Historia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Identificação: um modelo de pesquisa em arquivística sobre o órgão produtor e sua tipologia documental. In: IV Convención Internacional de Archivistas - IV COINDEAR, 2012, Santiago, Chile. **Actas** del IV COINDEAR, 2012.

_____. Identificação: uma nova função arquivística? **Revista EDICIC**, v.1, n.4, p.109-129, Oct./Dic. 2011.

SANTOS, Paulo Roberto Elian. Arquivo pessoal, ciência e saúde pública: o arquivo Rostan Soares entre o laboratório, o campo e o gabinete. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; _____ (Org.). **Arquivos Pessoais:** história, preservação e memória da ciência. Rio de Janeiro: Associação de Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 21-50.

SALVADOR, Marcelo Ferreira Martins. **Uma História de Paixão:** Estela Kaufman Fainguelernt e o Ensino da Geometria. 2012. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2012.

SALVADOR, Marcelo Ferreira Martins. Estela Kaufman. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.). **Educadoras Matemáticas:** memórias, docência e profissão. 1ed. São Paulo: Livraria da Física, 2013. p. 47-58.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; BARBOZA, Christina Helena da Motta. Introdução: reflexões sobre os acervos de C&T no Brasil. In:_____. **Acervos de ciência e tecnologia no Brasil:** preservação, história e divulgação. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012. p. 09-26.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. **Visitando laboratórios:** o cientista e a preservação de documento. 2007. 211 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Reorganização de fundo: uma experiência em arquivo pessoal de cientista. In: _____; SANTOS, Paulo Roberto Elian (Org.). **Arquivos Pessoais: história, preservação e memória da ciência.** Rio de Janeiro: Associação de Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 89-112.

_____. Os arquivos pessoais como fonte: reconhecendo os tipos documentais. In: GRANATO, Marcus. (org.). **Museologia e Patrimônio.** Rio de Janeiro: MAST, 2015. p. 177-203. (Coleção MAST 30 anos de pesquisa, v. 1). Disponível em: <http://site.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf/capitulo_06.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Glossário de espécie e tipos documentais em arquivos de laboratório.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Arquivo de História da Ciência, 2014.

_____. Configuração da informação em documentos de ciência e tecnologia: estudo tipológico no arquivo pessoal do físico Bernhard Gross. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 160-174, set. 2013. ISSN 19815344.

_____. TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte. A vida privada dos cientistas retratada em seus arquivos pessoais. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; ABELLÁS, José Benito Yárritu; FRADE, Everaldo Pereira (org.). **Arquivos pessoais: constituição, preservação e usos**. Rio de Janeiro: MAST, 2014. p. 33-53. (Mast Colloquia; v.13).

_____; TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte. Produção documental de cientistas e a história da ciência: estudo tipológico em arquivos pessoais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.849-861, jul.-set. 2015.

TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte; SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Identificação de tipos documentais em arquivos pessoais: estudo no arquivo do físico Joaquim da Costa Ribeiro. **Arquivo & Administração**, v.12, n. 2, jul./dez. p. 52-75, 2013.

TROITIÑO, Sonia. Atribuir nomes a tipos, séries e unidades documentais: dialogando com Mariano Garcia Ruipérez¹ In: ARDAILLON, Danielle (org.). **Dar nome aos documentos: da teoria à prática.** São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p. 272-284. Disponível em: <http://fundacaofhc.org.br/files/dar_nome_aos%20documentos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

TROTTA, Luís Felipe Dias. **O arquivo de Leon Eliachar: analisar tipologia do arquivo de um escritor.** 2016. 146f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Manual de gestão de documentos.** RONCAGLIO, Cynthia, (org.), Brasília: Cebraspe, 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Glossário de espécies/formatos e tipos documentais da Universidade de São Paulo.** São paulo, 1997. Disponível em: <<http://sites.usp.br/arquivogeral/wp-content/uploads/sites/39/2015/02/glossario1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Glossário de espécies/formatos e tipos documentais dos Institutos e das Faculdades da UNICAMP.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”. **Plano de classificação e tabela de temporalidade de documentos da UNESP:** atividades-meio . TROITIÑO, Sonia

(coord.). Comissão de Avaliação de Documentos e Acesso da UNESP. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

VALENTE, Wagner Rodrigues. OSVALDO SANGIORGI E O MOVIMENTO DA MATEMÁTICA MODERNA NO BRASIL. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 583-613, set./dez. 2008

VIANA, Cláudio Muniz; RODRIGUES, Ana Célia. Diplomática contemporânea como metodologia para organização de arquivos de Arquitetura. In: MARIZ, Anna Carla Almeida; JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite (org.). **Novas dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Móbile: Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 416-432.

VILLELA, Lucia Maria Aversa. **“GRUEMA”**: uma contribuição para a história da Educação Matemática no Brasil. 2009. 223.f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo, 2009.

VITORIANO, Márcia Cristina Pazin. **Produção documental do Legislativo no Império - Gênese e tipologia: o caso da Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo (1835-1889)**. 2005. 174f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

WELFELÉ, Odile. A proveta arquivada: reflexões sobre os arquivos e os documentos oriundos da prática científica contemporânea. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2004, p. 65-72.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM SERVIDOR DO MAST**1. INFORMAÇÕES GERAIS**

1.1 Nome da Instituição: _____

1.2 Subordinação: _____

1.3 Endereço: _____

1.4 Telefone: _____

1.5 *E-mail* para contato: _____

1.6 Nome do entrevistado: _____

1.7 Formação do entrevistado: _____

2. Sobre a aquisição do Arquivo Pessoal Estela Kaufman. Como começou a negociação? De quem foi o primeiro contato?

3. Foi percebida alguma interferência dos herdeiros na forma como a documentação estava arranjada/ordenada?

() Sim () Não

3.1 Caso afirmativo, especifique: _____

4. Sobre a parte do arquivo que foi doada a Universidade Severino Sombra, tem informações se esse acervo foi fragmentado? Veio em sua totalidade para o MAST?

5. Qual setor era responsável pela gestão da documentação no período que esteve sob guarda da Universidade Severino Sombra? Houve tratamento, ou estava da forma como a produtora deixou?

6. Foi elaborado algum instrumento de pesquisa para consulta do acervo na universidade?

() Sim qual? () Não () Não sabe informar

7. A Universidade Severino Sombra manifestou interesse de permanecer com a

guarda do arquivo, ou de receber a doação da parte do arquivo que se encontrava na residência da produtora?

() Sim () Não Justifique _____

8. Quais considerações foram determinantes para unir as duas partes do arquivo no MAST?

**APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORA APOSENTADA DA
UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA**

1. INFORMAÇÕES GERAIS

1.1 Nome do entrevistado: _____

1.2 Formação do entrevistado: _____

1.3 Telefone: _____

1.4 *E-mail* para contato: _____

1.5 Data da entrevista: _____

2. Sobre a aquisição do Arquivo Pessoal Estela Kaufman pela Universidade Severino Sombra. Como se deu o processo de doação? Foi uma decisão espontânea da produtora, ou a instituição demonstrou interesse pela guarda da documentação?

3. Foi percebida alguma seleção da produtora nos documentos doados?

() Sim () Não

3.1 Caso afirmativo, especifique: _____

4. Após a doação do arquivo houve alguma contribuição de Estela Kaufman no processo de identificação dos documentos?

5. Foi elaborado algum instrumento de pesquisa para consulta do acervo na universidade?

() Sim qual? _____ () Não () Não sabe informar

6. Após a doação do arquivo para a Universidade Severino Sombra, parte da produção documental da matemática ainda constava em residência. Em algum momento a instituição manifestou interesse de receber o arquivo em sua totalidade?

() Sim () Não () Não sabe informar

7. O arquivo era consultado com frequência na universidade?

() Sim

() Não

() Não sabe informar

8. Simbolicamente, o que o arquivo pessoal de Estela Kaufman representava para o Laboratório de Pesquisa em História da Educação Matemática – LAPHEM e para os matemáticos da universidade?
